

**UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E MEIO AMBIENTE**

Giovana Regina Godoy da Silva

**PERCEPÇÃO SOBRE ZONÓSES EM UMA COMUNIDADE RURAL: UM
ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA BELA
VISTA DO CHIBARRO, ARARAQUARA-SP**

ARARAQUARA-SP

2024

UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E MEIO AMBIENTE

PERCEPÇÃO SOBRE ZONOSSES EM UMA COMUNIDADE RURAL: UM ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA BELA VISTA DO CHIBARRO, ARARAQUARA-SP

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

Área de Concentração:
Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

Orientada: Giovana Regina Godoy da Silva

Orientador: Dr. Leonardo Rios

Coorientadora: Dra. Flávia Cristina Sossae

ARARAQUARA-SP

2024

S581p Silva, Giovana Regina Godoy da
Percepção sobre zoonoses em uma comunidade rural: um estudo de caso no assentamento de reforma agrária Bela Vista do Chibarro/
Giovana Regina Godoy da Silva. – Araraquara: Universidade de Araraquara, 2024.
103f.

Dissertação (Mestrado) -Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente- Universidade de Araraquara-UNIARA

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Rios

1. Desenvolvimento territorial. 2. Alternativas de sustentabilidade.
I. Título.

CDU 504.03



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME DO(A) ALUNO(A): **GIOVANA REGINA GODOY DA SILVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, curso de Mestrado, da Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra Ana Carolina da Silva

UNIARA - Araraquara

Prof. Dr. Denilson Teixeira

UFG - Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Leonardo Rios

UNIARA - Araraquara

Araraquara/SP, 26 de março de 2024

UNIARA

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha profunda gratidão a Deus por ter me conduzido até este momento. Sou imensamente grata a todos que contribuíram de alguma forma para esta pesquisa: meus pais, Rose e Gilberto, minha avó Zenaide e a memória do meu avô Jeova, meu namorado Igor que sempre me motivou a estudar, minha irmã Rhayssa e aos meus amigos Mariane Marques e Sérgio Traldi por sempre me acompanharem nessa jornada acadêmica.

Um agradecimento especial ao meu orientador, o Dr. Leonardo Rios, cuja orientação foi extremamente fundamental para o desenvolvimento deste projeto durante a pós-graduação. Também gostaria de agradecer à Dra. Flavia Sossae pelo apoio na concretização desta dissertação. Agradeço à Universidade de Araraquara e à CAPES pelo apoio financeiro e pelo reajuste nos valores das bolsas de pesquisa. Que isso represente apenas o ponto de partida para um maior reconhecimento dos pesquisadores brasileiros.

“entre a medicina animal e a medicina humana não existem linhas divisórias e nem devem existir.”

Rudolf Virchow

RESUMO

A presente dissertação de mestrado aborda o tema Conhecimento, Atitude e Prática em Zoonoses no Assentamento de Reforma Agrária Bela Vista do Chibarro, no Município de Araraquara, São Paulo. O objetivo da pesquisa foi preencher uma lacuna de conhecimento sobre essas doenças na região, visando compreender as percepções dos assentados e desenvolver medidas preventivas mais efetivas. Utilizando a metodologia CAP, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma amostra representativa de 24 entrevistados. Os benefícios diretos incluíram a reflexão sobre atitudes e práticas relacionadas a zoonoses, com potenciais mudanças de comportamento. Os resultados destacam uma falta de conhecimento significativo entre os participantes, evidenciando a necessidade de intervenções educativas mais eficazes. Além disso, a baixa adesão ao uso de vermífugos e o descarte inadequado de fezes de animais emergiram como preocupações preocupantes. Essas conclusões apontam para a urgência de estratégias preventivas e ações educativas que promovam práticas saudáveis e reduzam os riscos de transmissão de doenças na comunidade, beneficiando diretamente a saúde e a qualidade de vida dos moradores.

PALAVRAS-CHAVE: arbovirose. saúde pública. profissionais de saúde. medicina veterinária. prática educativa.

ABSTRACT

This master's thesis addresses the theme of Knowledge, Attitude, and Practice regarding Zoonoses in the Agrarian Reform Settlement of Bela Vista do Chibarro, in the municipality of Araraquara, São Paulo. The objective of the research was to fill a knowledge gap regarding these diseases in the region, aiming to understand the perceptions of the settlers and develop more effective preventive measures. Utilizing the CAP methodology, semi-structured interviews were conducted with a representative sample of 24 interviewees. The direct benefits included reflection on attitudes and practices related to zoonoses, with potential changes in behavior. The results highlight a significant lack of knowledge among participants, emphasizing the need for more effective educational interventions. Additionally, low adherence to the use of dewormers and improper disposal of animal feces emerged as concerning issues. These conclusions point to the urgency of preventive strategies and educational actions that promote healthy practices and reduce the risks of disease transmission in the community, directly benefiting the health and quality of life of the residents.

KEYWORDS: arboviruses, public health, healthcare professionals, veterinary medicine, educational practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do estado de São Paulo, no Brasil, da cidade de Araraquara-SP no estado de São Paulo e do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara (SP) com destaque da área urbana.....	26
Figura 2 - Imagem de satélite do Google Earth com a cidade de Araraquara-SP e o contorno da região do assentamento Bela Vista do Chibarro.....	27
Figura 3 - Mestranda realizando entrevista com a assentada no assentamento Bela Vista do Chibarro.....	28
Figura 4. Informações da Pirâmide Etária do município de Araraquara-2022...	36
Figura 5 - Informações da população rural e urbana do Brasil no ano de 2015....	42
Figura 6 - Boi (<i>Bos taurus</i>) de sela no assentamento Bela Vista do Chibarro...	45
Figura 7 - Gata (<i>Felis catus</i>) amamentando seus filhotes no assentamento Bela Vista do Chibarro.....	45
Figura 8 - Galinhas caipiras (<i>Gallus gallus</i>) em cima de pilhas de tijolos no assentamento Bela Vista do Chibarro.....	46
Figura 9. Galinha d' Angola (<i>Numida meleagris</i>) em cima da árvore no assentamento Bela Vista do Chibarro.....	46
Figura 10 - Peru (<i>Meleagris</i>) no assentamento Bela Vista do Chibarro.....	47
Figura 11 - Mula (<i>Equus asinus</i> × <i>Equus caballus</i>) no assentamento Bela Vista do Chibarro.....	47
Figura 12 - Cachorro (<i>Canis lupus familiaris</i>) de um dos entrevistados do lote....	48
Figura 13 - Emu (<i>Dromaius novaehollandiae</i>) do assentamento Bela Vista do Chibarro.....	48
Figura 14 - Quintal com algumas latas e entulhos no assentamento Bela Vista do Chibarro.....	51
Figura 15 - Restos de telhas e pilhas de tijolos do assentamento Bela Vista do Chibarro.....	51
Figura 16 - Antigo poço caipira que não é mais utilizado no assentamento Bela Vista do Chibarro.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação se já tiveram doenças transmitidas por animais no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.....	56
Tabela 2 - Respostas da questão 9 sobre doenças transmitidas pelos animais que sabem que já ocorreram no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.....	60
Tabela 3 - Questionário relacionado à atitude no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.....	62
Tabela 4 - Questionário relacionado à prática no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.....	69
Tabela 5 - Questionário relacionado à prática no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.....	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das faixas etárias dos entrevistados moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara-SP.....	34
Gráfico 2 - Caracterização dos entrevistados em relação ao gênero dos moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara-SP.....	35
Gráfico 3 - Escolaridade dos entrevistados moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara-SP.....	38
Gráfico 4 - Tempo de moradia no assentamento moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara-SP.....	41
Gráfico 5 - Animais residentes nos lotes dos moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro em Araraquara-SP.....	45
Gráfico 6 - Relação das doenças zoonóticas que acometeram a família dos entrevistados do Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.....	51
Gráfico 7 - Relação às zoonoses que acometeram a família dos entrevistados do Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.....	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 MEDICINA VETERINÁRIA DO COLETIVO, ZONOSSES E A SUA IMPORTÂNCIA EM SAÚDE PÚBLICA.....	15
2.2 AS ZONOSSES EM ZONA RURAL E EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA.....	19
2.3 MÉTODO CAP: CONHECIMENTO, ATITUDE E PRÁTICA.....	21
3. OBJETIVOS.....	24
3.1. OBJETIVO GERAL.....	24
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	25
4. METODOLOGIA.....	25
4.1. ÁREA DE ESTUDO.....	25
4.2. COLETA DE DADOS.....	27
4.3. QUESTÕES ÉTICAS NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	31
4.4. PRÉ-TESTE.....	32
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	33
5.2 QUESTÕES RELACIONADAS AO CONHECIMENTO.....	42
5.3 QUESTÕES RELACIONADAS À ATITUDE.....	59
5.4 QUESTÕES RELACIONADAS À PRÁTICA.....	62
6. CONCLUSÃO.....	79
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
8. REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICE A.....	94
APÊNDICE B.....	103

1.INTRODUÇÃO

As zoonoses são doenças transmissíveis entre os seres humanos e os animais e a sua multiplicidade está associada com o comportamento e as interferências inadequadas no meio ambiente, foram reconhecidas, no mundo, centenas de zoonoses envolvendo os animais domésticos (PASTEUR, 2000).

De acordo com Vasconcellos (2013), o termo "zoonoses" abrange uma variedade de doenças que podem ser transmitidas entre animais e seres humanos. Há denominações específicas que descrevem diferentes padrões de transmissão e impacto dessas doenças, como antropozoonose, zooantropozoonose, anfixenose, ciclozoonose, metazoonose, saprozoonose e arbovirose.

A palavra antropozoonose define as doenças cujos agentes são transmitidos entre animais, mas que também podem afetar os seres humanos. As zooantropozoonoses são as doenças nas quais os patógenos são passados entre seres humanos e que também podem atingir os animais, as anfixenoses podem ser descritas como as doenças com patógenos transmitidos igualmente entre os animais, os seres humanos e entre animais e seres humanos (SILVA *et al.*, 2009).

Ciclozoonose é o termo usado para as doenças cujo ciclo de transmissão requer a passagem obrigatória por duas espécies distintas de animais vertebrados para ser completado. Já metazoonose designa as doenças cujo ciclo de transmissão envolve a passagem por um hospedeiro invertebrado. As saprozoonoses são as doenças cujo ciclo de transmissão requer transformações que ocorrem no ambiente externo, sem a necessidade de parasitismo (SILVA *et al.*, 2009). Outro termo importante é o de arbovirose que define as doenças virais que são transmitidas principalmente por artrópodes, entre eles, os mosquitos e os carrapatos (BRASIL, 2024).

Essas classificações ajudam a compreender melhor as diferentes formas de transmissão e ciclo de vida dos agentes causadores de zoonoses, o que é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e controle.

Cerca de 75% das doenças infecciosas emergentes e reemergentes para humanos são consideradas zoonoses (WANG; ANDERSON, 2019; VAN BRUSSEL; HOLMES, 2022).

A vigilância em saúde realiza a execução das ações e das estratégias de controle e a prevenção de zoonoses de relevância para a saúde pública, como a raiva e as leishmanioses. Deste modo, algumas doenças subdividem-se em três grupos, sendo: zoonoses de relevância local ou regional; emergentes ou reemergentes; monitoradas por programas nacionais de vigilância e controle do Ministério da Saúde (MS) (BRASIL, 2016).

As zoonoses de relevância local ou regional, apresentam prevalência e/ou incidência em determinada área do território brasileiro, mas de transcendência, magnitude, gravidade, vulnerabilidade, severidade e potencial de disseminação somente em nível local ou regional. As zoonoses reemergentes ou emergentes são doenças que aparecem após um período de declínio considerável ou com risco de aumento, promovendo um impacto significativo sobre o ser humano, correspondente à potencialidade e a sua gravidade, podendo deixar sequelas e morte. Algumas doenças podem ser comuns ou ocorrer em outros países e podem envolver uma ou mais espécies de animais no seu ciclo de transmissão. Essas doenças podem ser introduzidas no Brasil através da entrada de animais, pessoas ou objetos contaminados, conhecidos como fômites. Fômites são superfícies inanimadas, como roupas, utensílios ou equipamentos, que podem atuar como veículos de transmissão de patógenos entre indivíduos (BRASIL, 2016).

A disseminação do conhecimento sobre a importância da educação em saúde é possível, podendo promover melhores hábitos, controle e consciência para impedir a propagação da zoonose e promover a saúde da sociedade, tendo em mente a educação como um canal significativo para a disseminação do conhecimento sobre boas práticas de manipulação de alimentos (TRALDI JUNIOR, 2021).

Portanto, a educação pode desempenhar um papel fundamental na promoção da saúde pública. Profissionais qualificados nessa área são capazes de utilizar seus conhecimentos teóricos e práticos para disseminar informações e auxiliar na construção de um ambiente saudável, em colaboração com a

população. Essa ação abrangente e ampla de educação se torna indispensável, fortalecendo a sociedade e contribuindo para o bem-estar geral (TRALDI JUNIOR, 2021).

De acordo com o Manual de Vigilância do Ministério da Saúde, Prevenção e controle de Zoonoses, algumas ações realizadas para prevenção de zoonoses são caracterizadas por serem executadas de forma permanente ou temporária, dependendo da situação epidemiológica, por meio de atividades, ações, e/ou estratégias de manejo ambiental, vacinação animal e educação em saúde (BRASIL, 2016).

As ações de desenvolvimento de educação em saúde devem envolver atividades de educação em saúde na comunidade como um todo, objetivando a prevenção de zoonoses. Sendo necessário priorizar as localidades mais vulneráveis, operando em escolas e outros locais onde se possa atingir o público-alvo, de forma acentuada e mais abrangente possível, aplicando-se também em meios de comunicação, como rádio, internet, TV e correspondência (BRASIL, 2016).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MEDICINA VETERINÁRIA DO COLETIVO, ZONOSSES E A SUA IMPORTÂNCIA EM SAÚDE PÚBLICA

De acordo com o Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo - CRMV-SP (2021), a medicina veterinária do coletivo é a especialidade que abre espaço para novas e amplas formas de atuação de seus profissionais na consolidação da Saúde Única. A recém reconhecida Medicina Veterinária Coletiva (MVC), especialidade designada pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) por meio da Resolução nº 1.394, de 13 de maio de 2021, tem como objetivo consolidar o conceito de Saúde Única, e este conceito representa uma ligação inextricável entre a saúde animal, humana e ambiental, incluindo a saúde pública, a medicina de abrigo e a medicina veterinária legal. A MVC destaca-se por suas ações que abrangem a saúde coletiva e o bem estar no geral, não se limitando apenas aos animais,

esta área do conhecimento tem foco preventivo e busca promover relações harmoniosas entre humanos, animais e meio ambiente.

Segundo Schwabe (1984), dentre esses profissionais da saúde, está o médico veterinário. A Medicina Veterinária transcorreu por várias alterações durante os anos, a princípio, era apenas vista como uma profissão com a simples função de promover a saúde animal, porém, com o decorrer do tempo e o surgimento de novas doenças que eram compartilhadas entre animais e seres humanos, constatou-se a real importância do médico veterinário, tanto para a saúde animal, quanto para a humana, dando a origem a medicina veterinária preventiva. Então, em 1946, instaurou-se a Saúde Pública Veterinária, através da Organização Mundial da Saúde (OMS), para atuar na higiene de alimentos, experimentos biológicos, laboratoriais e controle zoonótico.

O papel desempenhado pelo médico veterinário transcende as atividades tradicionais de prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças em animais. Inclui, adicionalmente, a responsabilidade pela inspeção e fiscalização sanitária dos produtos de origem animal destinados ao consumo humano, a contribuição para as políticas de saúde pública, especialmente no controle de zoonoses e no estudo e controle de epizootias, a promoção do bem-estar animal e a condução de pesquisas científicas voltadas para a biossegurança e a produção de vacinas e medicamentos (MIRANDA, 2018)

De acordo com Araújo (2013), a preocupação com a saúde tem sido geral para os gestores, visto que a prevenção e controle de doenças exigem ações conjuntas de órgãos públicos, abrangendo saúde humana, animal e ambiental. A Medicina Veterinária desempenha um papel significativo nesse cenário, contribuindo para a saúde pública e lidando com questões sociais relevantes. O reconhecimento da atuação do médico veterinário na saúde pública tem sido tema de debate, especialmente diante da necessidade de enfrentar doenças emergentes, endemias e zoonoses, como por exemplo a inclusão do médico veterinário no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) fortalecendo ainda mais seu papel na promoção da saúde coletiva,

considerando os fatores de risco ambientais e coletivos na ocorrência de doenças.

Langoni *et al.* (2015) destacam que é de suma importância a atuação na saúde pública, podendo desempenhar uma atribuição fundamental em programas de educação, visando propagar conhecimentos essenciais para os cidadãos, com várias ações de prevenção, controle de doenças e riscos à saúde, provendo segurança e bem-estar.

A relação da população humana com os animais no seu ambiente propicia muitas vezes condições para a transmissão e a manutenção de doenças. O processo de educação em saúde corrobora como uma ferramenta para o controle e a prevenção de zoonoses de relevância para a saúde pública. Além do mais, sem a efetiva participação da sociedade, as medidas de controle e prevenção dos agravos à saúde tornam-se muitas vezes ineficientes (BRASIL, 2016).

De acordo com o estudo conduzido por Araújo (2013), ao investigar as percepções sobre a interseção entre a Medicina Veterinária e as políticas públicas de saúde, observou-se que a grande maioria dos estudantes em formação (114/135 - 84%) entrevistados, todos os profissionais médicos veterinários (10/10 - 100%), médicos (20/32 - 62%), enfermeiro (28/36 - 78%), e odontólogo (26/36 - 72%) reconheceram essa ligação. Embora essas porcentagens sejam relativamente positivas, elas indicam a necessidade de uma melhor instrução dos médicos veterinários sobre esse tema.

Segundo a OMS (2006) em 2005, ocorreu em Genebra a primeira reunião sobre Doenças Zoonóticas Negligenciadas (DZN), intitulada "O Controle de Zoonoses Negligenciadas: uma rota para o alívio da pobreza". O objetivo desse encontro foi reunir profissionais para buscar soluções em saúde, dentro da abordagem do paradigma "One Health" (Saúde Unificada), que havia sido esquecido por séculos, mas ressurgiu no século XXI com o intuito de estabelecer o equilíbrio entre a saúde humana, animal e o meio ambiente em que vivem. Durante a reunião, foram discutidos os fatores que favorecem a ocorrência das DZN na população carente, recomendações foram feitas para a pesquisa e colaboração entre diferentes setores, ressaltando a importância e

as vantagens do trabalho conjunto entre profissionais da saúde humana e animal como chave para o sucesso no controle das DZN. Uma das principais recomendações foi adotar uma abordagem de Saúde Unificada.

Okello *et al.* (2014) mostram que a promoção da Saúde Unificada foi reconhecida com uma abordagem interdisciplinar e participativa, integrada às necessidades das comunidades, fortalecendo a capacidade de detecção e controle das zoonoses emergentes, no entanto, a aplicação prática dessa abordagem apresenta desafios significativos. Para uma implementação efetiva, é necessário incorporar aprendizados e promover mudanças nas práticas comunitárias e projetos liderados por atores regionais, considerando uma variedade de disciplinas, são fundamentais. Instituições regionais e internacionais desempenham um papel importante na governança global da Saúde Unificada, incentivando cada país a desenvolver soluções personalizadas e viáveis dentro de seu próprio contexto.

De acordo com Matos (2022), a dinâmica entre os seres humanos e os animais silvestres, seja através do contato físico ou da interação alimentar, propicia alterações evolutivas das doenças que possam ser transmitidas através dos animais, como resultado, a transmissão para os humanos pode ocorrer com maior frequência, desencadeando o surgimento de novas doenças. Assim, enfatiza-se a importância do conceito de saúde única, que preconiza um equilíbrio entre a saúde humana, a saúde animal e a saúde ambiental.

Conforme descrito por Ribeiro e Marotta (2017), esses elementos fundamentam a necessidade de políticas públicas voltadas também para os animais, as quais devem abranger a existência de uma entidade competente para lidar com questões relacionadas à fauna, planejamento estratégico, alocação orçamentária adequada, implementação de programas e iniciativas, além de garantir uma fiscalização eficaz. Exemplos disso incluem medidas como o controle populacional ético de animais urbanos, que envolvem a captura, esterilização, avaliação veterinária, vacinação, possibilidade de adoção (ou, na falta de interessados, o retorno do animal ao local de origem) e identificação por meio de microchip.

2.2 AS ZONOSSES EM ZONA RURAL E EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA

Em relação às zoonoses em zona rural, Vargas, Oliveira e Franco (2010) mostram que o problema não consiste apenas na interação entre os seres humanos e os microrganismos selvagens, mas está profundamente ligado a uma relação disfuncional entre o ser humano e o ambiente em que vive. A exposição direta ou indireta aos microrganismos presentes no ambiente tem contribuído para o surgimento de novas patologias, especialmente nas últimas cinco décadas, à medida que ocorre a invasão e degradação de ecossistemas anteriormente pouco afetados pela presença humana.

Woolhouse (2006), aborda que o relatório de 2003 do Instituto de Medicina aborda as ameaças microbianas à saúde, destacando três categorias principais de fatores que impulsionam a emergência e reemergência de patógenos: relacionados aos hospedeiros, aos patógenos e ao ambiente. Os fatores humanos incluem crescimento populacional, urbanização e padrões de saúde; os fatores patogênicos envolvem capacidade de adaptação e resistência a antibióticos; e os fatores ambientais incluem uso da terra, práticas agrícolas e mudanças climáticas. A ênfase está na associação frequente da atividade humana com a emergência de patógenos, como mudanças na produção de alimentos e comércio de animais exóticos, enquanto que a importância das interações humanas com o ambiente, especialmente com animais, como geradoras de novas oportunidades para patógenos.

De acordo com o Incra (2020), um assentamento de reforma agrária é um conjunto de unidades agrícolas estabelecidas em uma área rural. A parcela ou lote, que constitui uma única unidade, destina-se à aquisição de terras para agricultores ou trabalhadores agrícolas que não tenham condições de adquirir a terra. As famílias que recebem ajuda devem viver nos terrenos e exercer diversas atividades produtivas. As áreas residenciais incluem habitações construídas em todos os terrenos ou áreas comuns com aldeias agrícolas. Existem espaços comunitários para a construção de estruturas coletivas como

igrejas, centros comunitários, empreendimentos agrícolas, escolas, unidades de saúde e campos desportivos. A concessão do nome de domínio e o lote é de propriedade do Incra, o que impede que o terreno seja vendido, alugado, doado, arrendado ou emprestado sem a devida documentação.

O objetivo, segundo Acevedo-Nieto (2022), é de proporcionar condições adequadas de moradia e produção doméstica, assegurando a segurança alimentar para aqueles que anteriormente estavam expostos a riscos alimentares e sociais. Esses assentamentos são instituídos pelo "Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária" (INCRA). Embora muitas famílias tenham se beneficiado dessa iniciativa, os entraves burocráticos e os atrasos associados ao processo de regularização e suporte às famílias, incluindo o acesso a recursos para produção e construção, resultam em condições sanitárias inadequadas para várias delas. Esse cenário, aliado à concentração populacional nos assentamentos, contribui para a propagação de doenças zoonóticas.

Nieto (2015) diz que a vulnerabilidade de populações está intrinsecamente ligada às condições de saneamento, representando um risco iminente de contato com diversas zoonoses, nos animais, no ambiente, nos alimentos e em seus resíduos. Os assentamentos rurais, em particular, frequentemente enfrentam desafios na garantia de condições adequadas de higiene e saúde. As populações carentes, tanto em áreas urbanas quanto rurais, são mais suscetíveis a uma série de infecções devido ao contato com agentes patogênicos presentes em ambientes contaminados e ao manejo inadequado dos animais e seus resíduos. Fatores relacionados à pobreza, como falta de saneamento adequado, contaminação do solo e dos recursos hídricos com fezes humanas e baixo nível educacional da população.

2.3 MÉTODO CAP: CONHECIMENTO, ATITUDE E PRÁTICA

De acordo com a OMS (2006), o levantamento CAP é um estudo representativo realizado em uma população específica, com o objetivo de coletar informações sobre o conhecimento, as atitudes e as práticas relacionadas a um assunto específico. Em geral, os dados em uma pesquisa

CAP são coletados oralmente por meio de entrevistas estruturadas e padronizadas conduzidas por entrevistadores. Esses dados podem ser analisados de forma quantitativa ou qualitativa, dependendo dos objetivos e do desenho do estudo. Os dados de uma pesquisa CAP são essenciais para ajudar no planejamento, implementação e avaliação de trabalhos relacionados a zoonoses, com o objetivo de identificar lacunas de conhecimento, crenças culturais ou padrões de comportamento que podem facilitar a compreensão e a ação, bem como apresentar problemas ou criar barreiras para os esforços de controle das zoonoses.

Segundo Souza (2023), o conhecimento, as atitudes e as práticas são componentes do comportamento humano. O conhecimento refere-se à compreensão de opiniões, conceitos, informações, elementos e referências em relação a algo; as atitudes envolvem os costumes e a maneira de agir em resposta a algo ou a uma determinada situação; e as práticas estão relacionadas às ações adquiridas por meio de experiências observacionais do ser humano em relação à situação vivenciada.

Por que realizar uma pesquisa CAP? Uma pesquisa CAP pode fornecer dados que podem ser utilizados para os seguintes propósitos:

- Identificar crenças culturais e padrões comportamentais que possam identificar necessidades, problemas e obstáculos para auxiliar no planejamento e implementação de intervenções.
- Aprofundar a compreensão das informações amplamente conhecidas, atitudes e fatores que influenciam o comportamento.
- Estabelecer níveis de referência e mensurar as mudanças resultantes das intervenções.
- Avaliar e identificar processos de comunicação e fontes de informação importantes para a implementação e eficácia de programas.
- Auxiliar na definição de prioridades do programa e na tomada de decisões. Este trecho em amarelo deve ir para revisão da bibliografia antes da parte que descreve os trabalhos realizados com essa metodologia.

É comum que muitos pesquisadores utilizem a metodologia CAP, mas muitas vezes ela é focada apenas em uma zoonose ou em um assunto específico. Isso dificulta encontrar artigos semelhantes ao da pesquisa atual, que aborda várias zoonoses e outras questões. Um exemplo disso é o estudo de Woiwode (2020) realizado no Monte Selvagem (Portugal), onde foram aplicados questionários a visitantes e trabalhadores para observar a atitude em relação aos animais e avaliar a exposição a vetores de doenças zoonóticas como mosquitos e carrapatos. Os resultados sugerem que tanto visitantes quanto trabalhadores têm algum conhecimento sobre zoonoses e seus modos de transmissão, bem como sobre as condições para o desenvolvimento de mosquitos no parque, porém possuem pouco entendimento sobre carrapatos.

Assim, a dissertação visa preencher uma lacuna de pesquisa nesta área, visto que existem poucos estudos relacionados a esse tema no país e no local em questão. Após a revisão bibliográfica e algumas buscas, foram encontrados alguns artigos que utilizaram a metodologia CAP, mas que não abrangem todas as zoonoses. Por exemplo, Moura (2015) utilizou a metodologia CAP para avaliar o conhecimento, a atitude e a prática, além do comportamento preventivo em relação à toxoplasmose durante a gravidez, em gestantes que estão passando pelo pré-natal no município de Imperatriz-MA. O estudo buscou investigar o nível de conhecimento das gestantes sobre a toxoplasmose, bem como analisar suas práticas de prevenção em relação a essa zoonose. Através dessa abordagem metodológica, foi possível obter informações relevantes sobre o grau de conscientização e a adoção de medidas preventivas pelas gestantes em relação à toxoplasmose durante a gravidez.

Em outro estudo realizado pelos pesquisadores como Luz, Barbosa e Carmo (2017) na Região Metropolitana de Belo Horizonte, foi empregada uma metodologia semelhante para investigar a leishmaniose visceral (LV) em municípios endêmicos. Essas pesquisas ressaltaram a importância crucial da participação ativa da população na efetividade das medidas de prevenção e controle da LV, por meio da aplicação da metodologia CAP em moradores. O objetivo deste estudo foi identificar estratégias que estimulem o engajamento

da comunidade, visando alcançar resultados sustentáveis e bem-sucedidos nas ações de prevenção e controle da LV.

Na pesquisa conduzida por Lucena (2017), foi realizado um estudo nos assentamentos de reforma agrária da região de Presidente Prudente-SP, Brasil, com foco na vigilância em saúde para leishmaniose visceral. Nesse estudo, a metodologia CAP. O objetivo principal do trabalho foi identificar formas infectantes de parasitos com importância zoonótica nas fezes de cães e crianças, além de investigar os possíveis fatores de risco associados à transmissão de enteroparasitoses. A pesquisa também teve como objetivo determinar o perfil parasitológico dos cães e o perfil parasitológico e hematológico das crianças.

De acordo com o estudo conduzido por Brito *et al.* (2021) na população urbana de Cajari, atendida pela Estratégia de Saúde da Família (ESF), em busca de entender qual era a percepção e atitudes sobre as zoonoses dessa comunidade, foram entrevistados 288 responsáveis pelas famílias selecionadas aleatoriamente. O estudo abordou características socioeconômicas e conhecimentos sobre zoonoses. Os resultados mostraram que 78,82% dos entrevistados não sabiam o que era uma “zoonose”, enquanto 17,36% afirmaram já ter ouvido falar no termo, porém sem entender seu significado.

Albuquerque e Donato (2021) investigaram o Conhecimento, Atitude e Prática (CAP) dos usuários da atenção primária em uma Região Administrativa do Distrito Federal. Os resultados revelaram fragilidades no conhecimento dos usuários sobre os serviços disponíveis na Unidade Básica de Saúde (UBS), especialmente em relação ao atendimento odontológico, e baixa participação popular na gestão da saúde regional. Apesar da qualidade dos serviços e da indicação de retorno dos usuários à UBS, a pesquisa sugere a realização de estudos mais abrangentes que considerem não apenas o usuário, mas também a UBS e as necessidades do território, visando uma compreensão mais completa dos desafios na área da saúde.

A metodologia CAP é tão robusta que pode ser aplicada a uma variedade de temas e contextos na área da saúde. Ela permite uma análise abrangente das percepções, conhecimentos e comportamentos dos indivíduos em relação a determinadas questões, sendo útil tanto para compreender

lacunas de conhecimento quanto para identificar pontos fortes e áreas de melhoria em intervenções e políticas de saúde.

A metodologia CAP pode ser uma ferramenta valiosa para pesquisadores e profissionais que buscam investigar e promover a saúde pública em diferentes cenários e populações.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta pesquisa foi avaliar o nível de conhecimento, atitude e prática da população residente no assentamento Bela Vista do Chibarro, localizado no município de Araraquara, São Paulo, em relação às zoonoses e arboviroses. Este estudo busca compreender as percepções dos moradores sobre essas doenças, e propor recomendações educacionais visando promover uma melhor compreensão e adoção de práticas preventivas na comunidade.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o nível de conhecimento dos assentados sobre zoonoses, incluindo sua compreensão sobre as doenças e medidas preventivas.
- Avaliar as atitudes dos assentados em relação às práticas de prevenção de zoonoses, como higiene pessoal, manejo adequado de animais e controle de vetores.
- Identificar as práticas atuais dos assentados relacionadas à convivência com animais, incluindo alimentação, higiene, cuidados de saúde e controle de parasitas.
- Contribuir para o desenvolvimento de estratégias de saúde pública voltadas para a prevenção e controle de zoonoses em comunidades rurais e de assentamento.

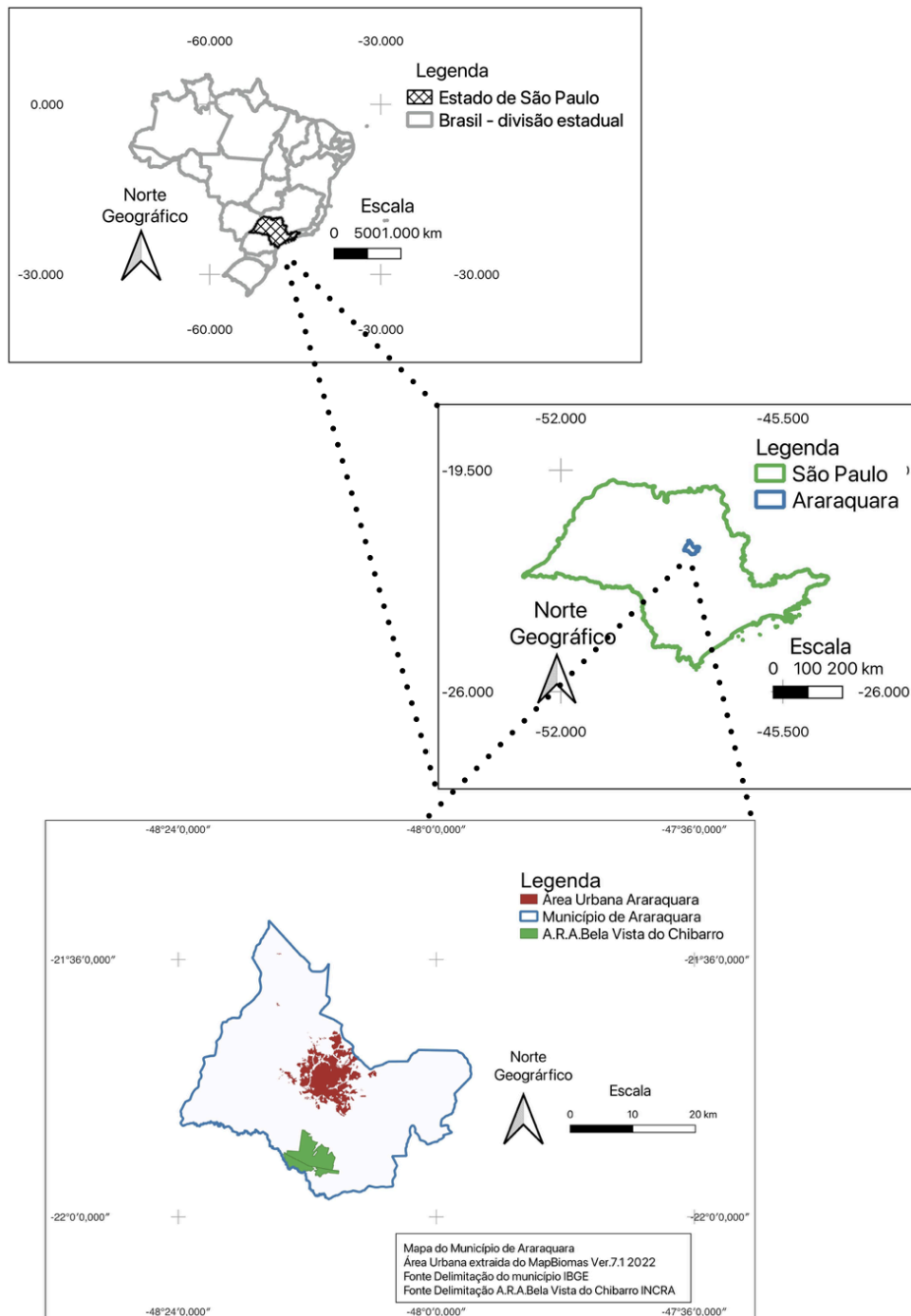
4. METODOLOGIA

4.1. ÁREA DE ESTUDO

O assentamento Bela Vista do Chibarro está localizado na região sul do município de Araraquara/SP, com coordenadas UTM central da vila do assentamento é 788.583 m E, 7.573.704 m S no fuso 22S e altitude média de 578m em relação ao nível do mar.

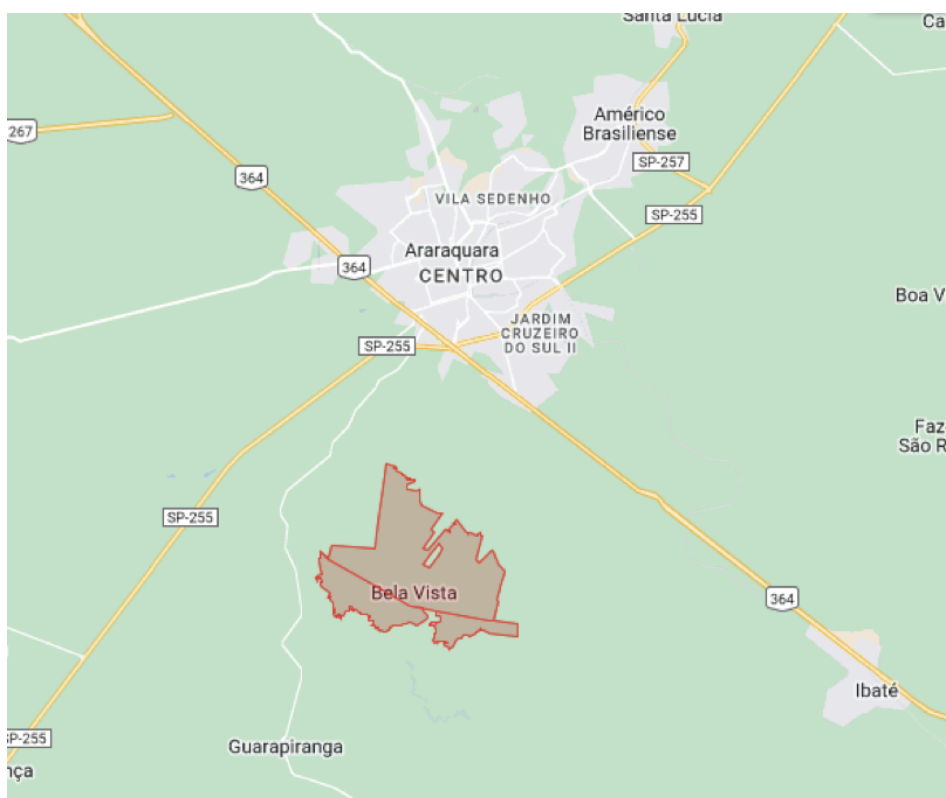
As Figuras 1 e 2 apresentam imagens de satélite do Google Earth com a cidade de Araraquara-SP e o contorno da região do assentamento Bela Vista do Chibarro.

Figura 1 - Localização do estado de São Paulo, no Brasil, da cidade de Araraquara-SP no estado de São Paulo e do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara (SP) com destaque da área urbana



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do IBGE, MapBiomas e INCRA (2023).

Figura 2 - Imagem de satélite do Google Earth com a cidade de Araraquara-SP e o contorno da região do assentamento Bela Vista do Chibarro



Fonte: Imagem de satélite do Google Earth com a cidade de Araraquara-SP e o contorno da região do assentamento Bela Vista do Chibarro.

4.2. COLETA DE DADOS

A metodologia empregada neste estudo consistiu em uma pesquisa bibliográfica, utilizando bancos de dados como Scielo, Google Acadêmico, Portal periódicos da Capes e PubVet para levantar artigos científicos, manuais e livros publicados entre 1997 e 2022. Foram utilizados termos-chave como "zoonoses em assentamento", "educação e controle de zoonoses", "zoonoses conhecimento atitude prática" para selecionar e utilizar os artigos e livros relevantes na construção do instrumento de pesquisa.

Também foi realizada a aplicação de um questionário (Apêndice A). O público-alvo e o critério de inclusão foram os assentados maiores de 18 anos do assentamento Bela Vista do Chibarro, localizado no Município Araraquara-SP. O trabalho foi realizado em parceria com o Grupo Nupedor da

Universidade de Araraquara - UNIARA, considerando a área de atuação e produção dos assentados, por meio de convite aos assentados. As famílias priorizadas foram as que possuem produção de produtos de origem animal e animais em seus lotes. Na figura 3 está apresentado um momento de entrevista com uma assentada no assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara, SP.

Figura 3 - Mestranda realizando entrevista com a assentada no assentamento Bela Vista do Chibarro



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

No assentamento, há atualmente 199 famílias assentadas ocupando uma área de 3441,9638 hectares, com capacidade para abrigar até 210 famílias (MAPA-INCRA, 2022). As entrevistas foram conduzidas com adesão voluntária, em que os assentados foram convidados a participar da pesquisa e indicar outros assentados que possuem animais domésticos ou de criação para sustento ou comercialização (BATTISTI *et al.*, 2013).

Ao planejar a metodologia, a intenção foi alcançar uma amostra entre 20 a 30 entrevistas, o que representa aproximadamente 10% dos entrevistados na

área em questão. Com base nesse objetivo, em nossa pesquisa, realizamos um total de 24 entrevistas com os residentes locais, o que corresponde a 12% do número de famílias assentadas. É fundamental destacar que, apesar de termos atingido nosso objetivo mínimo de entrevistas, reconhecemos que uma amostra maior poderia oferecer uma compreensão mais completa e precisa das necessidades e percepções dos residentes, no entanto, as 24 entrevistas realizadas ainda fornecem informações valiosas que contribuem para nossa análise e planejamento de intervenções futuras.

A participação na pesquisa foi voluntária e requereu o consentimento dos participantes. Antes da entrevista, os participantes foram solicitados a ler e assinar um termo de consentimento livre e esclarecido e foi selecionado um membro de cada lote/família para participar da pesquisa, seguindo os critérios de ser maior de 18 anos e ser residente do assentamento Bela Vista do Chibarro.

Por fim, a parceria entre a UNIARA (Universidade de Araraquara) e os assentados, construída ao longo de 35 anos de trabalho do Nupedor (Núcleo de Pesquisa em Documentação Rural), desempenha um papel fundamental na ampliação dos estudos desse grupo e no fornecimento de informações relevantes para uma área de pesquisa carente de dados. Essa colaboração contínua permitirá que o grupo de pesquisa promova avanços no campo da pesquisa em questão. A união entre a universidade e a comunidade local é um fator-chave para a realização de estudos significativos e a contribuição para o conhecimento nessa área específica.

Este estudo tem uma metodologia quantitativa conhecida como Conhecimento, Atitude e Prática (CAP). A metodologia CAP é utilizada para avaliação formativa, ou seja, além de coletar dados sobre a população em relação ao tema proposto, também identifica possíveis caminhos para facilitar a tomada de decisão e intervenções mais eficazes no futuro (OMS, 2008). Baseado nesta metodologia, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado com perguntas relacionados ao conhecimento, prática e atitude do entrevistado sobre zoonoses, que foi submetido ao Conselho de Ética da Uniara e a aplicação ocorreu somente após a aprovação.

O intuito dessa pesquisa não é somente a participação dos assentados, mas também levar conhecimentos, contribuir, entender quais são os problemas levantados e tentar levar uma solução caso exista algum problema social com a educação ambiental, isso tudo voltando para uma ação coletiva.

A ideia foi identificar uma rede de indicações e entrevistar aqueles que tenham interesse em responder ao questionário. Este método permitiu a coleta de informações quantitativas, contribuindo para uma análise abrangente sobre o tema. A aplicação do método com adesão voluntária permitiu identificar assentados que possuíam animais de criação, e dessa forma, foi possível obter uma amostragem abrangente das percepções e conhecimentos dos assentados sobre as zoonoses.

A pesquisa consistiu em uma entrevista composta por 41 questões, das quais 40 são fechadas, apresentando alternativas para escolha e 1 aberta, permitindo uma resposta livre. O tempo estimado para o preenchimento das questões variou entre 30 a 60 minutos (Apêndice A).

A coleta de dados foi realizada por meio de encontros presenciais, nos quais cada convidado respondeu às questões da entrevista, de acordo com o roteiro de entrevista semi estruturado, apresentado no Apêndice A. Os encontros foram definidos de acordo com a disponibilidade e conveniência dos participantes. Durante os encontros, foram fornecidas todas as informações relevantes sobre o estudo, assim como eventuais esclarecimentos necessários incluindo que a participação é voluntária e que o entrevistado poderia recusar a responder qualquer questão sem ônus para o mesmo, bem como, interromper a entrevista a qualquer momento.

A pesquisa foi conduzida no Assentamento Bela Vista do Chibarro, onde ofereceu as condições necessárias para a coleta de dados, prezando pelo conforto e privacidade do entrevistado. Desta forma, o pesquisador fez a visita ao entrevistado no lote do assentamento de reforma agrária a ele concedido ou em sua residência na Vila Andes, no assentamento. O envolvimento nessa pesquisa foi fundamental para a obtenção de resultados significativos e contribuiu para o avanço do conhecimento sobre as zoonoses na região do assentamento Bela Vista do Chibarro.

4.3. QUESTÕES ÉTICAS NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Por se tratar de pesquisa com pessoas, o projeto de mestrado foi enviado para aprovação no Comitê de Ética da UNIARA, e o presente projeto foi aprovado pelo Comitê com parecer de número: 71750623.4.0000.5383.

Na realização das entrevistas, foi explanado os objetivos e a importância do projeto e caso aceitassem participar, deveriam ler e assinar Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) em duas vias, uma via ficou com o pesquisador e a outra com o entrevistado participante da pesquisa.

Com intuito de preservar a identidade dos participantes, seus nomes foram substituídos por letras e números arábicos. Foi atribuída a letra “U” que corresponde a “usuário” e um número arábico que foi distribuído de acordo com o número da sua ficha contendo o roteiro de questões.

Ainda, cada participante foi informado sobre a liberdade de não responder às questões, caso não se sentisse à vontade para responder, ou interromper a participação quando lhe convier e a qualquer momento. Além disso, caso surgissem dúvidas ou dificuldades no entendimento das perguntas, a pesquisadora se disponibilizaria a explicá-las de modo a facilitar a compreensão, e de forma acessível e objetiva, que os participantes não sofreriam nenhum dano físico, psíquico, moral, intelectual, social, econômico, cultural ou espiritual.

Ao participar desta pesquisa, houve diversos benefícios diretos e indiretos associados à sua participação nesta pesquisa. Os benefícios diretos através da entrevista, o assentado teve a oportunidade de refletir sobre suas atitudes e práticas relacionadas às zoonoses, o que pode levar a mudanças positivas em seu comportamento e o entrevistado teve a oportunidade de contribuir para o aprofundamento do entendimento dos assentados sobre as zoonoses.

A participação nesta pesquisa teve benefícios indiretos para a comunidade e outras pessoas. Os resultados obtidos serão utilizados para desenvolver estratégias educativas e preventivas mais eficazes, visando melhorar as condições de saúde e bem-estar dos assentados. Isso contribuirá para a redução do impacto das zoonoses na região, beneficiando não apenas

os participantes da pesquisa, mas toda a comunidade do assentamento Bela Vista do Chibarro.

Os dados coletados nesta pesquisa também poderão ser utilizados para fomentar ações e políticas de saúde pública voltadas para o controle e prevenção de zoonoses em outras regiões, ampliando o impacto positivo dessa pesquisa para além do assentamento.

Portanto, ao participar desta pesquisa, o entrevistado desempenhou um papel importante no avanço do conhecimento científico e na promoção da saúde pública. O envolvimento contribuiu para uma melhor compreensão das zoonoses e para a implementação de medidas preventivas mais efetivas, beneficiando tanto o entrevistado quanto a comunidade em geral.

4.4. PRÉ-TESTE

Antes da coleta de dados no assentamento Bela Vista do Chibarro, foi realizado um pré-teste para revisar e validar o roteiro de entrevista. O objetivo foi garantir que as perguntas fossem claras, compreensíveis, relevantes para os tópicos pretendidos e eficazes na obtenção de informações úteis.

Além disso, foi importante para evitar perguntas redundantes ou desnecessárias. Após essa etapa, a responsável pela pesquisa revisou o questionário e adequou com base nas constatações do pré-teste. Isso incluiu adicionar palavras locais e remover qualquer linguagem pouco clara.

O pré-teste foi realizado com pessoas que não fizeram parte da amostra da pesquisa. Essas pessoas foram convidadas a participar do pré-teste e informadas previamente do que se tratava a pesquisa, da importância da participação dela para a pesquisa, que essas informações são confidenciais e não seriam utilizadas na pesquisa.

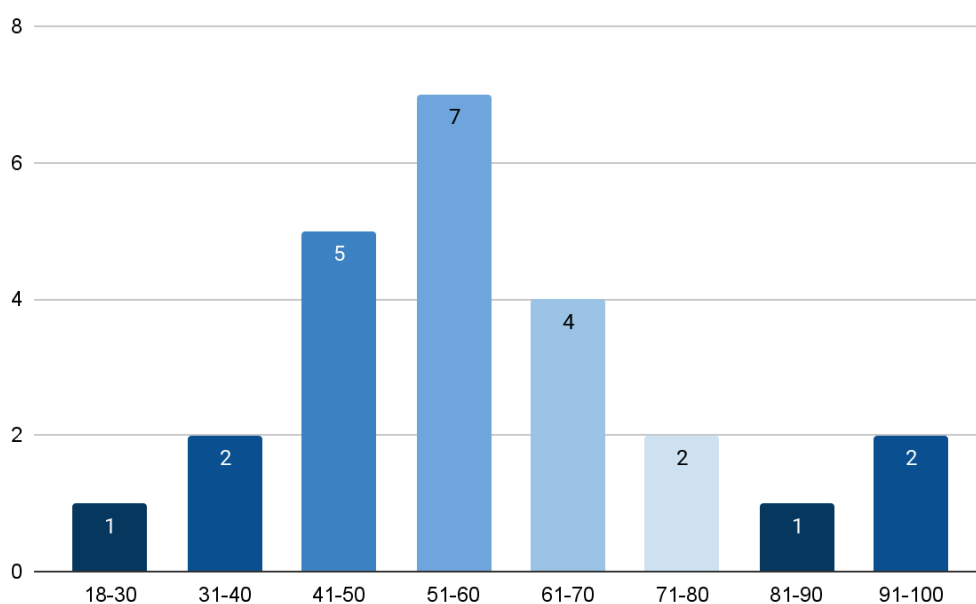
Foi realizado o pré-teste com 6 assentados do Assentamento Monte Alegre do ITESP - Instituto de Terras do Estado de São Paulo, antes de aplicar o questionário aos assentados do Bela Vista do Chibarro.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

No gráfico 1, estão apresentados os resultados da distribuição etária dos entrevistados, mostrando que a pesquisa abordou indivíduos de diferentes faixas etárias e a faixa etária com mais indivíduos participantes é a de 51 a 60 anos.

Gráfico 1. Distribuição das faixas etárias dos entrevistados moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara-SP



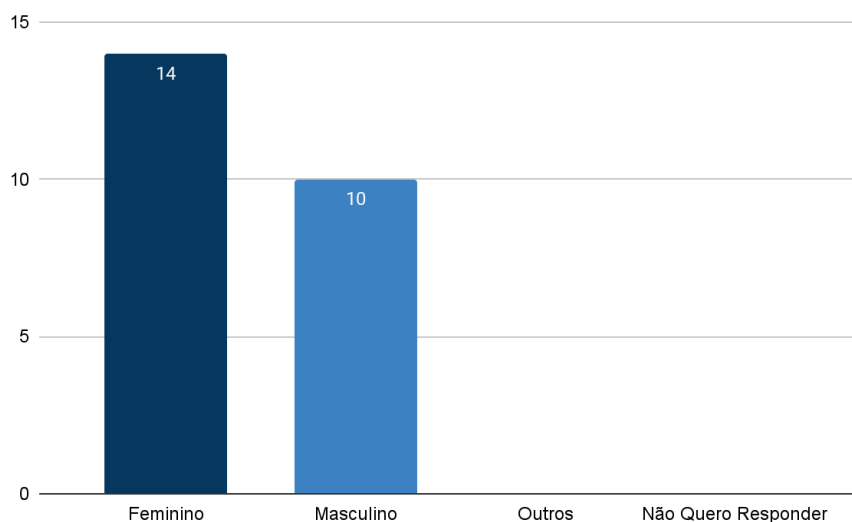
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

No gráfico 2, consta a distribuição de gênero, essa amostra apresenta uma maior representação do gênero feminino, com 14 entrevistadas, em comparação com o gênero masculino, que possui 10 entrevistados.

Costa *et al.* (2019) investigou a percepção e atitudes da população paraibana em relação às zoonoses, entrevistando 380 pessoas. Os resultados revelaram um perfil semelhante ao estudo atual em termos de sexo, com 70,3% do público sendo do sexo feminino.

Os resultados do estudo realizado por Brito *et al.* (2021) também indicaram que a maioria dos responsáveis pelas famílias na área de estudo são do sexo feminino (54,17%) e está compreendida na faixa etária maior que 50 anos (27,43%).

Gráfico 2. Caracterização dos entrevistados em relação ao gênero dos moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara-SP



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Ao analisar o gráfico 1 e comparar aos dados demográficos do município de Araraquara-SP, revela informações significativas sobre a distribuição etária da população, de acordo com a figura 4 do recente censo do IBGE de 2022. A faixa etária mais expressiva na cidade de Araraquara é de 40 a 49 anos, abrangendo aproximadamente 37.384 pessoas. Logo em seguida, a faixa etária de 50 a 59 anos também exibe uma presença considerável, com cerca de 30.653 habitantes.

No contexto do assentamento, a coleta de dados por meio de entrevistas e observações destaca uma relevante consistência com os resultados

demográficos gerais da cidade de Araraquara. Durante as entrevistas, observou-se que a faixa etária de 51-60 anos foi a mais representada, contabilizando 7 entrevistados, a faixa de 41-50 anos foi mencionada por 5 entrevistados.

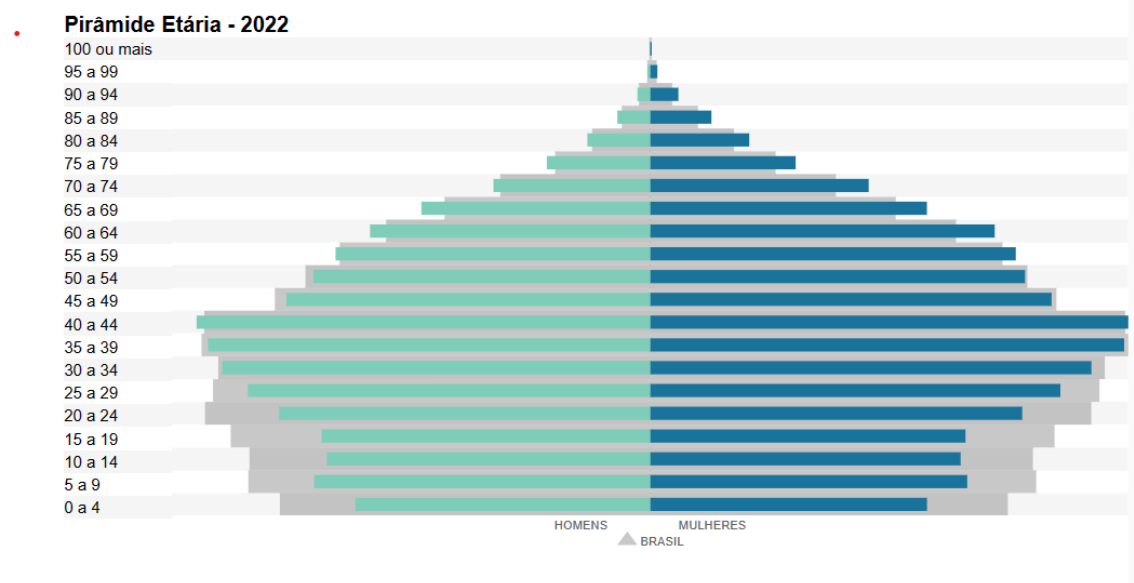
Esses dados específicos corroboram com a análise demográfica mais ampla, reforçando a ideia de que as faixas etárias entre 41 e 60 anos são particularmente proeminentes no assentamento. Esse padrão de distribuição etária sugere que a população do assentamento é predominantemente composta por adultos, confirmando a tendência já apontada anteriormente para toda a cidade de Araraquara.

Essa predominância de faixas etárias mais avançadas nas entrevistas do assentamento pode indicar uma estrutura demográfica local que tende a ser mais envelhecida. A consistência entre os dados do censo geral da cidade e as entrevistas no assentamento podem fortalecer a confiabilidade das conclusões sobre a demografia da região, oferecendo informações valiosas para compreender as características e dinâmicas específicas deste assentamento.

Piastrelli *et al.* (2019) abordaram a preocupação crescente com a migração de jovens da zona rural para áreas urbanas no Brasil, destacando a falta de perspectivas de políticas públicas direcionadas à juventude em assentamentos rurais como um fator influente nesse cenário. Esse fenômeno tem consequências significativas, incluindo o envelhecimento da população rural e mudanças na dinâmica do campo.

De acordo com Guanziroli (1998), o último aspecto está mais relacionado com o futuro a longo prazo, porém está intimamente ligado à questão do desenvolvimento. Atualmente, observa-se em alguns assentamentos e em muitas áreas de agricultura familiar a persistência de padrões de comportamento familiar complicados, como a primogenitura e a resistência à participação da mulher e dos jovens nas decisões relacionadas à produção. Isso acaba tendo um efeito prejudicial no desenvolvimento da comunidade, pois os jovens que não participam tendem a migrar mais rapidamente, resultando no esvaziamento das áreas rurais ou, em alguns casos, no envelhecimento da população rural.

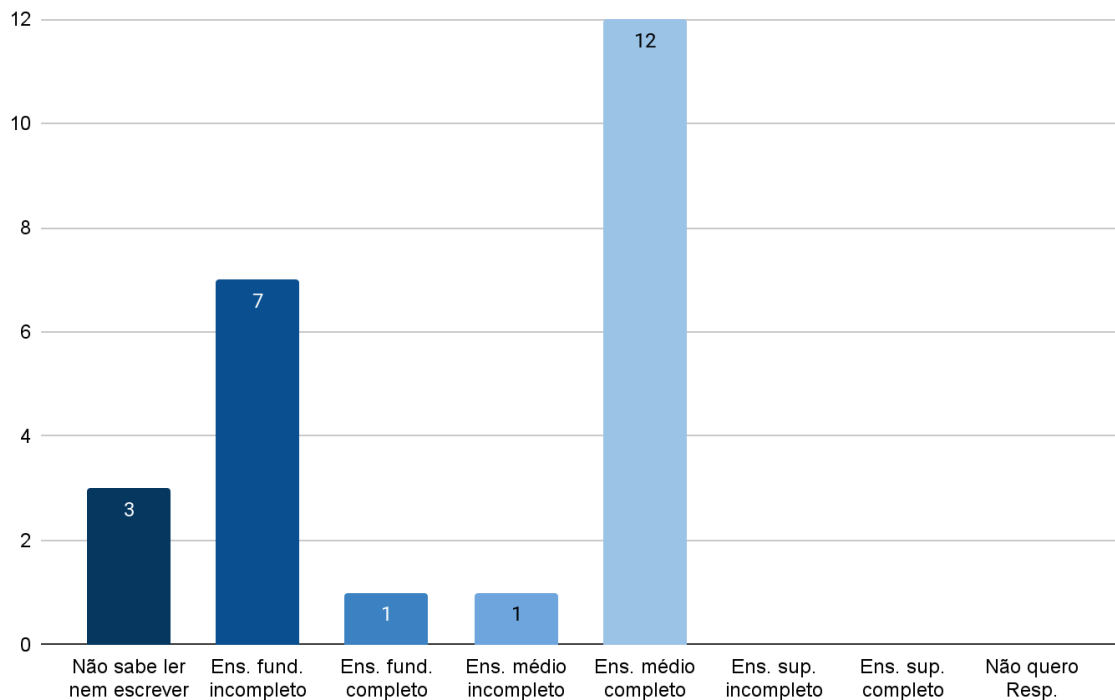
Figura 4 - Informações da Pirâmide Etária do município de Araraquara-2022



Fonte: Dados do IBGE (2022).

De acordo com o gráfico 3, a distribuição de escolaridade mostra que a maioria dos entrevistados declarou ter concluído o ensino médio completo, com 12 participantes (50%). Há uma presença significativa de entrevistados com ensino fundamental incompleto, contando com sete entrevistados (29%). Três entrevistados afirmaram não saber ler nem escrever (12,5%).

Gráfico 3 - Escolaridade dos entrevistados moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara-SP



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Segundo os estudos de Bevilacqua *et al.* (2001) a análise da variável de escolaridade revelou que pessoas sem instrução formal ou classificadas como analfabetas apresentam oito vezes mais chances de contrair leishmaniose visceral em comparação com indivíduos alfabetizados. Essa associação pode ser atribuída ao fato de que a maioria dos analfabetos pertence à população de baixa renda, que é a mais afetada por essa doença.

Borges (2008) acredita que a educação em saúde, atualmente integrada em vários momentos da educação formal, possui um forte potencial para o controle epidemiológico, no entanto, a ausência ou baixa escolaridade pode limitar a adoção de práticas preventivas eficazes.

De acordo com Santos, Matos e Querol (2020), em seu estudo com os agricultores do assentamento Rosa Luxemburgo II, em São Cristóvão/Sergipe, os resultados indicam que 20,93% dos entrevistados no assentamento não possuem ensino formal, 72% têm o ensino fundamental incompleto, e (4,65%)

possui o ensino médio incompleto. A continuidade dos estudos nesse local é prejudicada pelas vulnerabilidades nos serviços de transporte durante o período chuvoso.

Esmeraldo, Molina e Antunes-Rocha (2017) abordaram em seu estudo sobre "O Fortalecimento da Identidade Camponesa: Repercussões do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária nos Estados do Ceará, Minas Gerais e Paraná" aspectos significativos da infância dos entrevistados. As narrativas destacaram a falta e a fragilidade do acesso à educação como temas recorrentes. Os entrevistados relataram frequentemente ter frequentado escolas localizadas em áreas rurais, onde era comum encontrar instituições que ofereciam educação do primeiro ao quarto ano em uma única sala de aula. Um ponto comum identificado nos três estados estudados foi que os assentados provenientes de relações de trabalho precárias, como rendeiros, agregados, meeiros, assalariados, entre outras, enfrentaram uma história de falta de oportunidades educacionais durante sua infância e adolescência.

Menezes *et al.* (2017) demonstram em seu artigo "Correlações de Pearson entre características da criação de bezerras em assentamentos da reforma agrária" a importância da correlação entre escolaridade e o sistema de alimentação adotado, bem como o local de fornecimento da alimentação para as bezerras. Essa correlação ressalta que o nível de escolaridade influencia na capacidade do produtor em compreender as necessidades alimentares de uma bezerra. Produtores com maior nível de instrução tendem a compreender a importância do consumo do primeiro colostro pela bezerra.

Por outro lado, Lima *et al.* (2018) também apresentaram em seu estudo "Prevalência de Doenças Crônicas Não Transmissíveis à população no assentamento da reforma agrária no Pontal do Triângulo Mineiro" dados relacionados à escolaridade dos participantes. Observou-se que 58% dos participantes não finalizaram o Ensino Fundamental, 12% completaram o Ensino Médio e apenas 6% afirmaram ter concluído o Ensino Superior.

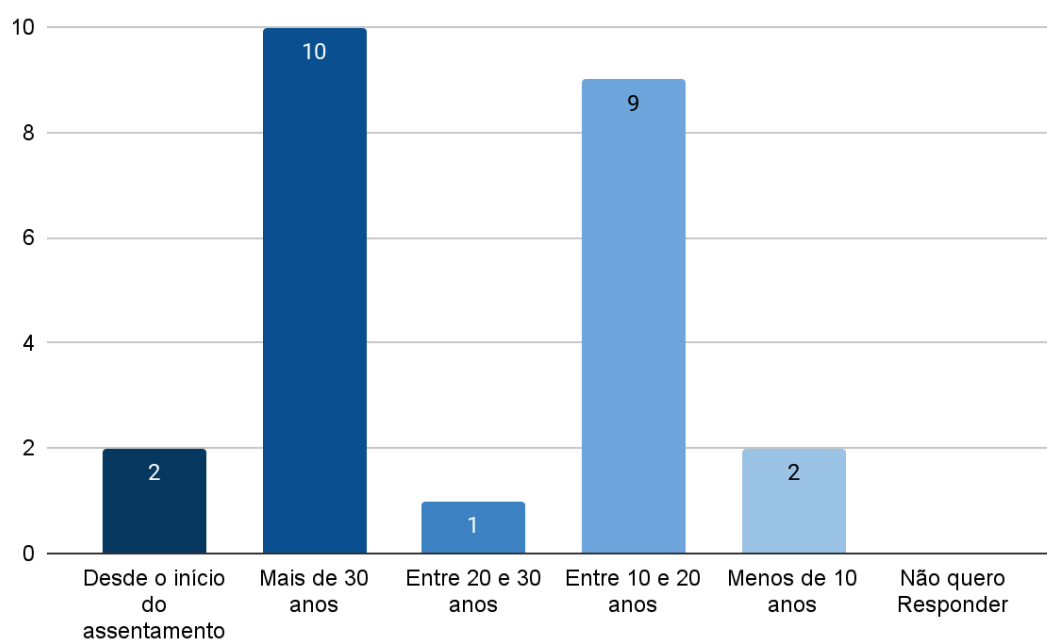
Victorio e Gonçalves (2021) tiveram como objetivo identificar aspectos relacionados à nutrição e saúde dos assentados no Assentamento Rural Rio Madeira - RO. Foi observada uma baixa escolaridade entre os moradores, com predominância de doenças associadas à má alimentação, como

hipercolesterolemia e hipertensão. Além disso, foi notado um baixo cultivo de vegetais, hortas caseiras e plantas medicinais no assentamento. No estudo, foram identificados 179 moradores com mais de 17 anos, sendo 80 mulheres e 99 homens. Ao analisar o nível de escolaridade, foi observado que o ensino fundamental incompleto é predominante nas faixas etárias de 36 a 59 anos e de 60 a 80 anos, independente do gênero. Entre as mulheres de 36 a 59 anos, apenas 4% possuem ensino médio completo, enquanto entre os homens dessa faixa etária, esse percentual é de 5%. Apenas 1% dos homens possuem ensino superior completo, com uma proporção ainda menor entre as mulheres.

O tempo de residência dos assentados no assentamento Bela Vista do Chibarro está presente no gráfico 4. Dos 24 entrevistados, 10 participantes residem no assentamento há mais de 30 anos, sugerindo uma comunidade estabelecida e com moradores de longa data.

Há uma presença significativa de 9 entrevistados que moram entre 10 e 20 anos no assentamento, dois entrevistados afirmam residir no assentamento desde o início, enquanto outros dois estão lá por menos de 10 anos.

Gráfico 4 - Tempo de moradia no assentamento moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara-SP



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Observa-se uma presença notável de indivíduos mais idosos no assentamento, indicando que os mais jovens estão migrando para áreas urbanas ou buscando oportunidades fora do campo. Essa tendência é evidenciada pelos dados apresentados na figura 5 do IBGE compilados pela Asbraer que oferecem informações interessantes sobre a distribuição populacional entre áreas urbanas e rurais no estado de São Paulo. Em 2015, a população rural estimada representava 3,4%, enquanto a população urbana era substancialmente maior, totalizando 96,6%. Isso destaca uma clara predominância da população em ambientes urbanos no estado.

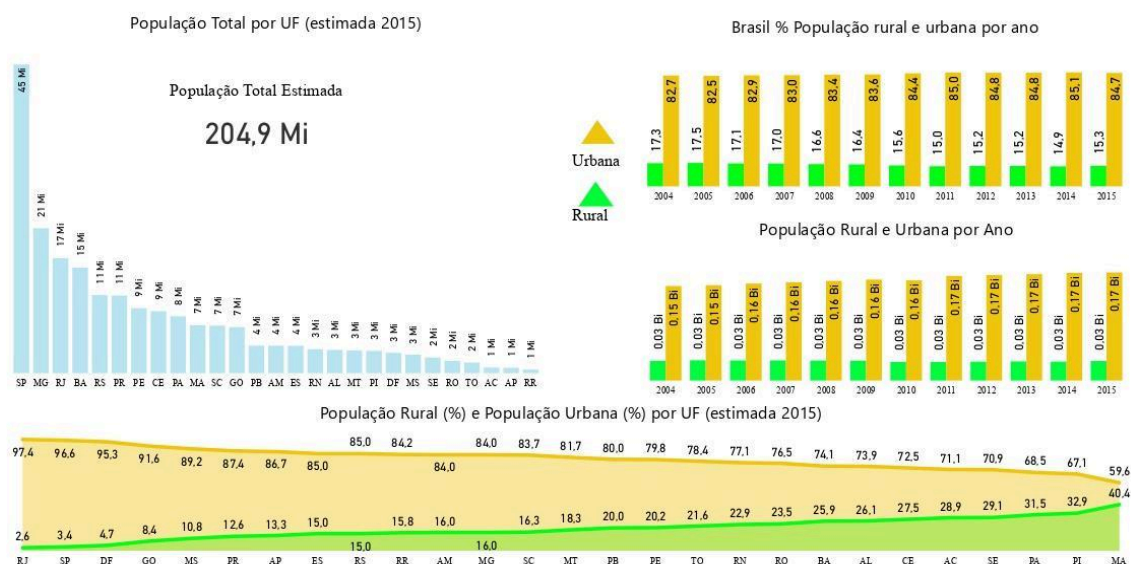
Quando consideramos os dados nacionais, observa-se uma tendência similar de migração da população rural para áreas urbanas ao longo dos anos. Em 2004, a população rural no Brasil era significativamente maior, representando 17,3%, enquanto a população urbana correspondia a 82,7%. Contudo, ao longo do tempo, houve uma redução gradual da população rural, chegando a 15,3% em 2015, enquanto a população urbana aumentou para 84,7%. Essa redução na proporção da população rural em comparação com o aumento na população urbana ao longo dos anos sugere um processo de urbanização em curso. As pessoas podem migrar das áreas rurais para as urbanas em busca de oportunidades de emprego, acesso a serviços e uma melhor qualidade de vida geral.

De acordo com o estudo de Foguesatto et al. (2016), com jovens filhos de agricultores familiares, com idades entre 15 e 29 anos, que migraram para áreas urbanas e agora estão empregados nessas regiões, enquanto seus pais permanecem no meio rural envolveu 68 participantes, e mostra que a maioria dos migrantes rurais brasileiros é do sexo feminino e tende a ser cada vez mais jovem. A pesquisa revelou que a maioria dos jovens prefere viver no meio rural (62%) devido a fatores como segurança, tranquilidade, independência nas tarefas, rotina menos cansativa e custo de vida mais baixo. No entanto, a decisão de migrar para as cidades é motivada principalmente pela falta de uma renda regular suficiente. Muitos desses migrantes relatam realizar trabalhos operacionais de baixa remuneração apenas para custear seus estudos nas cidades, já que suas famílias não conseguem arcar com todos os custos.

Gervasio, Batista e Cavalcante (2015) destacam em sua pesquisa a insuficiência ou a ineficácia das políticas públicas voltadas para a agricultura familiar. Isso se traduz na dificuldade de acesso à terra, nos direitos sociais limitados, nas oportunidades de mercado restritas e na falta de garantia de renda, sendo essa a principal motivação para a migração dos agricultores familiares para outras regiões.

De acordo com Spanevello *et al.* (2011), o prolongamento dos estudos é apontado como o principal motivo para os jovens deixarem o meio rural, sendo a falta de escolas técnicas e universidades um dos fatores mais mencionados. As razões que levam os jovens a sair são variadas, incluindo o desejo de evitar trabalhar na agricultura, buscar uma vida mais confortável e menos exigente, além de oportunidades de vida melhor nas cidades, com trabalhos menos físicos, remuneração estável e um estilo de vida mais atraente. Além disso, muitos jovens buscam mais diversão e atividade nas cidades, evidenciando a percepção de que o meio rural oferece poucas opções de lazer atrativas para eles.

Figura 5 - Informações da população rural e urbana do Brasil no ano de 2015



Fonte: Dados do IBGE compilados pela Asbraer (2015).

Apesar das melhorias na distribuição de terras ao longo dos anos no Brasil, os resultados ainda carecem de clareza no que diz respeito à consolidação de seu uso e à garantia de boas condições de vida no campo. As

expectativas inicialmente centradas na posse da terra visavam principalmente a segurança alimentar, relegando em segundo plano a busca por remuneração ou ganhos pela produção (SILVA, 2011).

5.2 QUESTÕES RELACIONADAS AO CONHECIMENTO

Uma das exigências para participação da pesquisa, é que o entrevistado tivesse a presença de animais nos lotes e a maioria dos entrevistados possui cachorros em seus lotes, um total de 22 participantes (92%).

Conforme observado por Capuano e Rocha (2005), a crescente popularidade da posse de cães como animais de estimação tem levado a um aumento no número de pessoas expostas ao risco de contrair zoonoses. Entre os grupos mais vulneráveis estão as crianças, devido aos seus hábitos de brincar em contato direto com o solo, bem como à prática de geofagia, que é uma prática de comer substâncias terrestres, e ao costume de andar descalço, além de se permitirem ser abraçadas, lambidas e mordidas por seus animais de estimação.

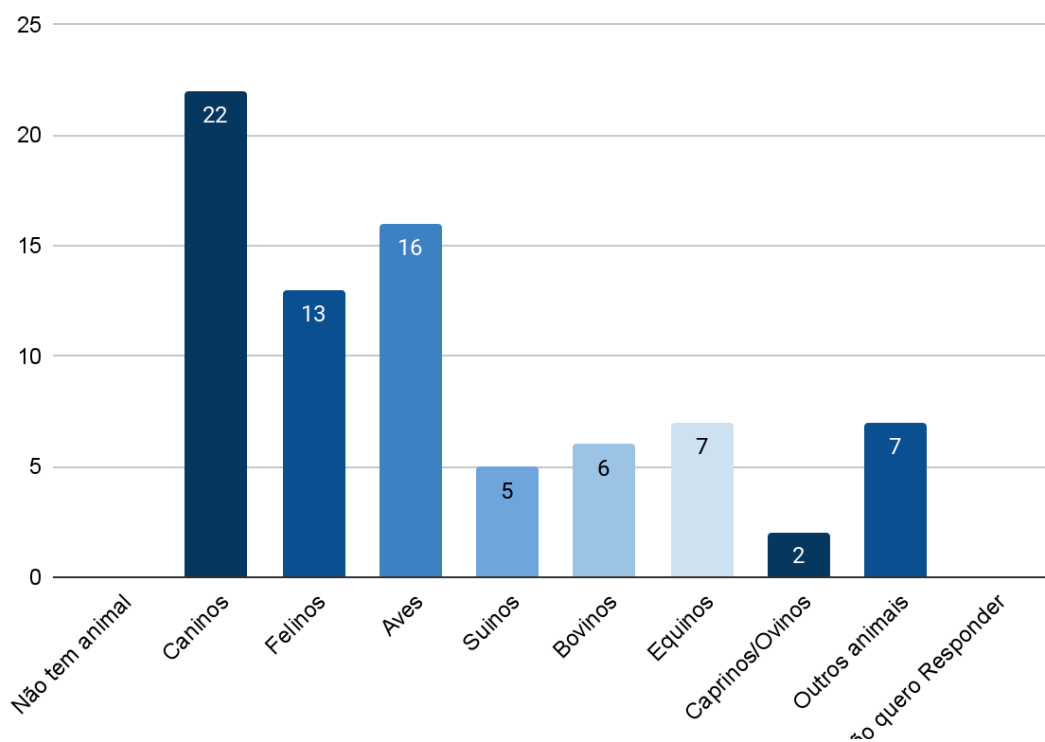
Lima (2010) acredita que é possível que a estreita relação entre humanos e seus animais de estimação seja motivo de preocupação, exigindo medidas para garantir que essa convivência não se transforme em um fator de risco. Copatti (2018) acredita que a convivência entre diferentes espécies é bastante notável no Brasil, tanto em residências quanto nas ruas do país, devido ao aumento significativo do número de animais de estimação nos lares e da presença de centros de cuidado para esses animais.

Segundo Carvalho e Mayorga (2016), os animais de estimação, conhecidos como pets, são uma parte significativa das espécies introduzidas nas relações humanas. Os cães e gatos são geralmente os mais populares, seguidos por outras espécies como pássaros, peixes, roedores, coelhos, equinos, suínos, répteis, primatas não humanos, entre outros.

Durante o processo de entrevistas, 13 dos entrevistados (54%) afirmaram possuir felinos em suas propriedades. Outros animais, como suínos,

bovinos, equinos, caprinos e outras aves domésticas, também estão presentes em diferentes graus (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Animais residentes nos lotes dos moradores do assentamento Bela Vista do Chibarro em Araraquara-SP



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

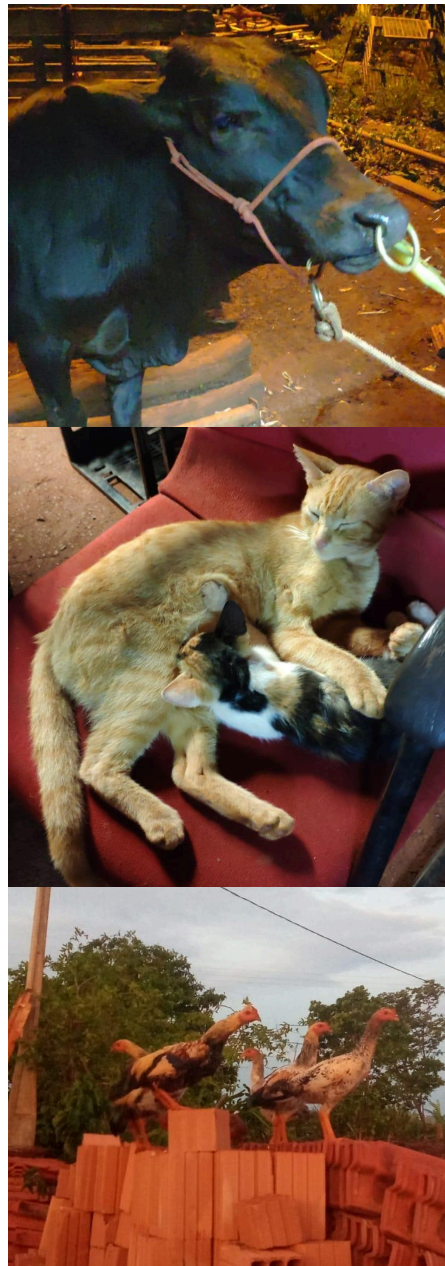
De acordo com Brito *et al.* (2021), a maioria dos entrevistados relatou ter animais de estimação (56,94%). Dentre esses, 43,59% são tutores de um animal, 19,23% são tutores de dois animais, e 37,18% são tutores de três ou mais animais. As principais espécies criadas, incluem os caninos (55,77%), felinos (50,64%), e aves domésticas (24,36%).

Na figura 6 são apresentadas imagens capturadas durante a pesquisa realizada no assentamento Bela Vista do Chibarro, proporcionando uma ilustração da presença diversificada de animais na comunidade.

Na Figura 6, é apresentado um boi de sela (*Bos taurus*), indicando a prática de treinamento para montaria em atividades diversas; Uma gata (*Felis catus*) amamentando seus filhotes, destacando preocupações sobre controle populacional, os felinos podem transmitir zoonoses como raiva e toxoplasmose;

Galinhas caipiras (*Gallus gallus*) sobre pilhas de materiais de construção, o sangue desses animais serve de alimento para o mosquito palha, transmissor da leishmaniose, além disso, o animal também participa do ciclo de várias zoonoses, como a salmonelose; galinha d'Angola (*Numida meleagris*).

Figura 6 - Boi (*Bos taurus*) de sela; Gata (*Felis catus*) amamentando seus filhotes; Galinhas caipiras (*Gallus gallus*) em cima de pilhas de tijolos; Galinha d' Angola (*Numida meleagris*) em cima da árvore; Peru (*Meleagris*); Mula (*Equus asinus* × *Equus caballus*); Cachorro (*Canis lupus familiaris*) de um dos entrevistados do lote; Emu (*Dromaius novaehollandiae*) no assentamento Bela Vista do Chibarro





Fonte: Arquivo pessoal (2023).

O peru (*Meleagris gallopavo*) no assentamento é retratado, demonstrando uma variedade de aves domésticas no assentamento; Uma mula (*Equus asinus* × *Equus caballus*) amarrada a um tronco; cachorro (*Canis lupus familiaris*) é acolhido no colo de um dos moradores. Os canídeos, além de diversas verminoses, também podem ter outras zoonoses como a raiva, a leptospirose e a leishmaniose. É interessante notar que há presença de animais diferenciados no lote, conforme observado na figura 6, tratando-se de um Emu (*Dromaius novaehollandiae*), representando uma presença de uma espécie exótica no contexto do assentamento.

Essa diversidade mostra a existência de diversas espécies, sugerindo uma diversificação nas atividades dos entrevistados, seja para subsistência, que pode ser um conjunto de coisas essenciais para a preservação da vida, como sustento, alimentação e víveres, criação de animais de estimação ou atividades agrícolas.

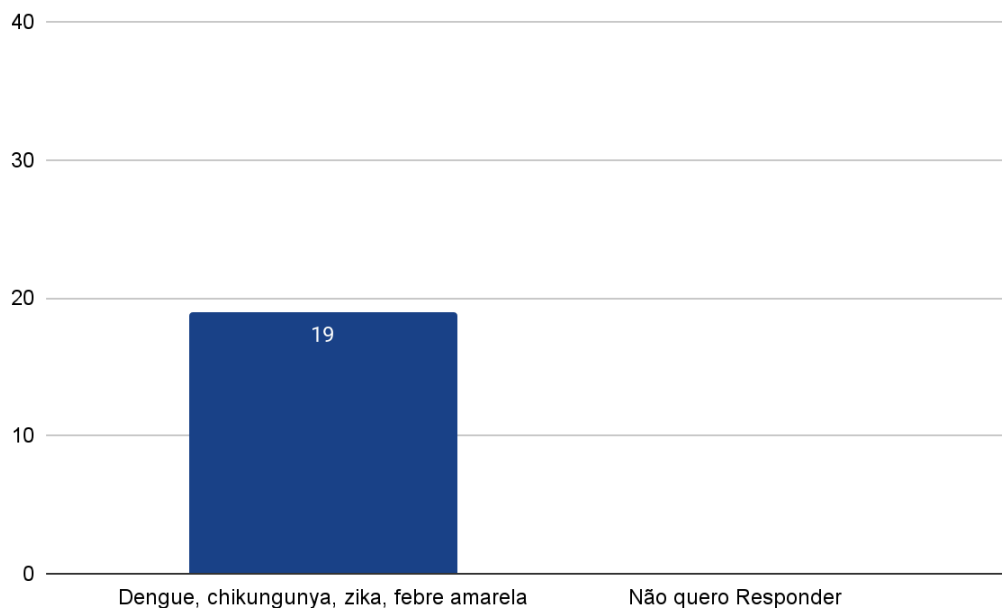
Essas figuras proporcionam não apenas um registro visual, mas também oferecem informações valiosas sobre a vida dos assentados. Os animais retratados podem desempenhar papéis diversos, indo além da simples domesticação, e incluindo seu uso como auxílio nas atividades agrícolas.

A convivência entre os animais e a comunidade no assentamento reflete uma complexa interação entre os residentes e seus recursos, fornecendo um panorama complexo das dinâmicas locais. É possível que os animais desempenhem funções práticas, como auxiliar nos trabalhos do campo, sendo parte integrante das atividades agrícolas diárias, sirvam para subsistência da população como produção de ovos, leite e carne.

A presença de galinhas, podem contribuir para a produção de ovos e carne, enquanto gatos e cães podem servir como guardiões de propriedades, ou como animais de companhia. Essas imagens, portanto, não apenas documentam a presença de animais, mas também oferecem uma janela para a vida cotidiana dos assentados, destacando a relação variada que eles mantêm com os animais em seus lotes.

No gráfico 6, são apresentados os resultados das doenças relacionadas às arboviroses com ocorrência na família, e 19 (79%) dos entrevistados, mencionaram ter enfrentado doenças como dengue, chikungunya, zika e febre amarela.

Gráfico 6 - Relação das doenças vetoriais que acometeram a família dos entrevistados do Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Em relação ao gráfico 6, a presença da dengue e de outras doenças relacionadas às arboviroses, que afetaram as famílias dos entrevistados, mostra que as arboviroses são comuns na comunidade.

As figuras 14 e 15 mostram a presença de latas e lixo no quintal, mostrando a realidade de um dos assentados, e a importância de considerar esses objetos como potenciais criadouros do mosquito *Aedes aegypti*, vetor transmissor da dengue. Locais onde se acumula água estagnada, como latas e recipientes descartados, constituem um terreno ideal para a reprodução de mosquitos.

Esta discrepância entre as observações declaradas e as experiências relatadas destaca a importância de melhorar a compreensão da comunidade sobre o conceito de zoonoses.

Figura 14 - Quintal com algumas latas e entulhos no assentamento Bela Vista do Chibarro.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

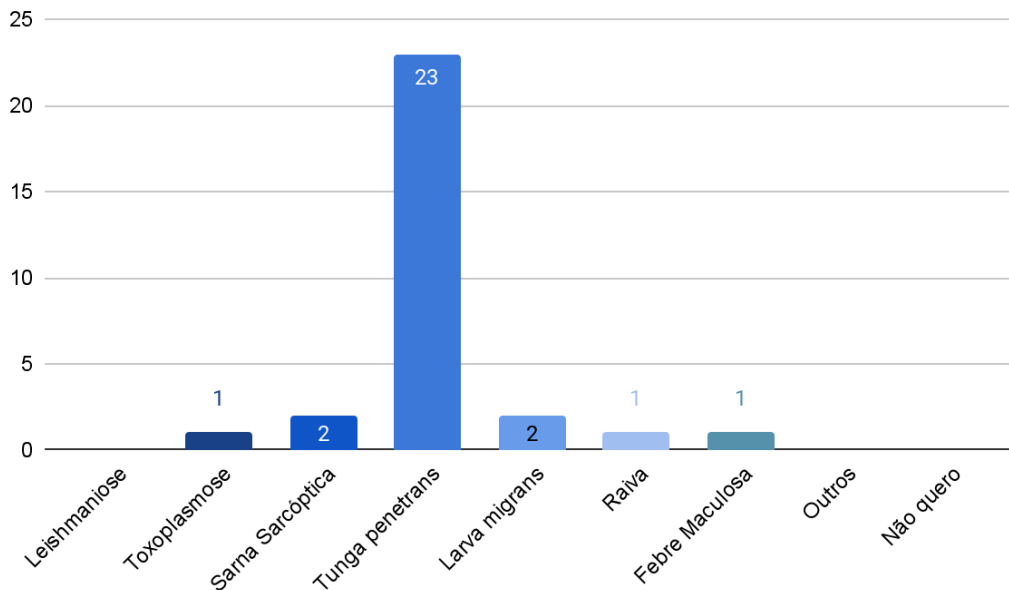
Figura 15 - Restos de telhas e pilhas de tijolos do assentamento Bela Vista do Chibarro.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

No gráfico 7 algumas doenças, como leishmaniose e raiva, não têm representação na amostra. Outras zoonoses como sarna sarcóptica, *larva migrans cutânea* (bicho geográfico) e febre maculosa são mencionados por alguns entrevistados, indicando uma variedade de zoonoses presentes na região.

Gráfico 7 - Relação às zoonoses que acometeram a família dos entrevistados do Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Na tabela 1, os resultados das questões relacionadas ao conhecimento revelam uma discrepância interessante. Quando questionados se já tiveram alguma zoonose, a maioria dos entrevistados respondeu negativamente, com 23 participantes (95,83%) dos 24 entrevistados indicando não ter tido experiência com doenças transmitidas por animais.

No entanto, um único entrevistado (4,17%) afirmou ter tido zoonoses. Essa divergência nas respostas dos entrevistados é notável ao analisarmos o gráfico 7, onde eles relatam ter tido diversas zoonoses ao serem perguntados sobre tipos específicos de doenças.

Por exemplo, a *Tunga penetrans* foi mencionada por 95,83% dos entrevistados, mas quando questionados diretamente sobre terem tido zoonoses, o mesmo percentual afirmou não ter tido. Isso evidencia uma falta de conhecimento sobre o termo "zoonoses" entre os participantes da pesquisa.

Destaca-se ainda que a quase totalidade dos entrevistados, 23 participantes (96%), mencionaram ter tido experiência com bicho de pé (*Tunga penetrans*), evidenciando a importância desse problema na vivência dos

entrevistados e mostrando uma ocorrência universal dessa condição na amostra. Além disso, outros moradores mencionaram também a leptospirose e o coronavírus como zoonoses vivenciadas na comunidade.

No gráfico 7, também é interessante notar que algumas doenças, como leishmaniose e raiva, não foram mencionadas pela amostra. Por outro lado, outras zoonoses como sarna sarcóptica, larva migrans cutânea (bicho geográfico) e febre maculosa foram mencionadas por alguns entrevistados, indicando uma variedade de zoonoses presentes na região estudada.

A análise da questão 8 da tabela 1 revela uma disparidade interessante entre as respostas dos participantes. A pergunta abordava se o entrevistado já tinha presenciado casos de zoonoses no assentamento. Apenas 8 participantes (33,33%) afirmaram ter presenciado tais situações, enquanto 16 (66,67%) responderam não ter presenciado.

Essa discrepância evidencia a complexidade das percepções dos entrevistados em relação às zoonoses. Embora uma parcela significativa dos participantes tenha observado casos de zoonoses no assentamento, essa observação não se refletiu plenamente na compreensão do termo "zoonoses" por parte dos entrevistados.

Os entrevistados afirmaram saber o que são zoonoses, mas a maioria declarou não ter contraído nenhuma zoonose. No entanto, ao listar as zoonoses que seus familiares haviam enfrentado, mostraram um conhecimento prático das doenças zoonóticas, mesmo que não tenham associado diretamente essas experiências à categoria de zoonoses. Essa discrepância entre o conhecimento prático e a compreensão conceitual das zoonoses indica a necessidade de maior educação e esclarecimento sobre o tema, especialmente considerando a possível relevância das situações de zoonoses no assentamento em termos de saúde pública e animal.

Na terceira pergunta, sobre se há riscos significativos de ter alguma zoonoses, 14 participantes (58,33%) indicaram que sim, enquanto 10 (41,67%) responderam que não.

A questão 12 da tabela 1, aborda se o entrevistado já obteve orientações sobre prevenção de zoonoses no assentamento, 6 participantes (25%) afirmaram ter tido essas orientações, enquanto 18 (75%) responderam não. A falta de disseminação do conhecimento sobre medidas preventivas pode ser um agravante para um maior número de casos de zoonoses no local.

Em seu estudo, Brito *et al.* (2021) constataram que, após explicar o conceito de "zoonoses" aos entrevistados, estes foram questionados sobre o conhecimento de enfermidades que são zoonoses. Os resultados mostraram que os entrevistados citaram várias doenças, sendo as mais mencionadas a raiva (94,44%), leishmaniose (84,72%), leptospirose (79,51%), sarna (54,51%), toxoplasmose (19,79%), salmonelose (12,85%), e bicho geográfico (3,82%). É importante destacar que o artigo aponta que, embora a maioria dos entrevistados já tenha ouvido falar em alguma zoonose, muitos não conseguem relacionar o termo ao seu significado.

A quinta questão é sobre o conhecimento das medidas de prevenção de zoonoses, 12 participantes (50%) afirmaram ter esse conhecimento, enquanto outros 12 (50%) indicaram não ter. Entretanto, não é possível afirmar que esse conhecimento é suficiente para a prevenção de todas as zoonoses presentes no assentamento estudado.

Segundo Lima (2010) devido à compreensão de que os animais podem ser portadores de doenças transmissíveis aos humanos e à preocupação em evitar esses riscos, muitas vezes há dificuldade em discernir corretamente quais doenças os animais não contraem ou não são capazes de transmitir.

A necessidade de orientações sobre prevenção e conhecimento sobre medidas preventivas indica possíveis lacunas educacionais que podem ser abordadas para promover a segurança e o bem-estar dos moradores do assentamento em relação às zoonoses.

De acordo com Lima *et al.* (2010), quando se trata do conhecimento sobre zoonoses entre alunos de escolas públicas e particulares, aproximadamente 28,21% (11/39) dos entrevistados da escola particular e 28% (7/25) da escola municipal afirmam ter ouvido falar no termo. Esses números

podem ser explicados pela ausência de termos técnicos como "zoonoses" em materiais didáticos do ensino fundamental, revistas, noticiários diários, programas de televisão e rádio. A falta de exposição a esse termo, a menos que sejam abordados em pesquisas conduzidas por professores ou nos meios de comunicação, dificulta o acesso dos alunos e da população em geral aos seus significados. Quanto ao conceito de zoonoses, os resultados mostram que uma parte significativa dos entrevistados considera erroneamente essas doenças como afetando apenas os animais. No entanto, ao oferecer opções de conceituação, foi observado um despertar de curiosidade e interesse entre os entrevistados em buscar a alternativa correta.

Tabela 1 - Relação se já tiveram doenças transmitidas por animais no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.

(continua)

CONHECIMENTO	N	%
7. Eu já tive doenças transmitidas por animais.		
Sim	1	4.17%
Não	23	95.83%
Não quero Responder		
Total	24	100%
8. Já presenciei casos de doenças transmitidas por animais em outros moradores do assentamento.		
Sim	8	33.33%
Não	16	66.67%
Não quero Responder		
Total	24	100%
11. Acredito que existem riscos significativos de zoonoses em assentamentos.		
Sim	14	58.33%
Não	10	41.67%

Não quero Responder

Total	24	100%
-------	-----------	-------------

12. Eu já tive orientações sobre zoonoses e prevenção no assentamento.

Sim	6	25%
-----	----------	------------

Não	18	75%
-----	-----------	------------

Não quero Responder

Total	24	100%
-------	-----------	-------------

13. Eu tenho conhecimento sobre as medidas de prevenção de zoonoses.

Sim	12	50%
-----	-----------	------------

Não	12	50%
-----	-----------	------------

Não quero Responder

Total	24	100%
-------	-----------	-------------

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Comparando os resultados da tabela 1 com o estudo de Bonatto (2019) que adotou uma abordagem epidemiológica para analisar o conhecimento e os hábitos relacionados a zoonoses em alunos do ensino fundamental e médio em Tupanciretã/RS, a maioria dos entrevistados também não sabiam o significado de zoonoses e muitos não estavam cientes dos riscos associados à posse de animais de estimação e à manipulação de alimentos. Embora a maioria dos entrevistados tenha demonstrado hábitos de higiene após o contato com animais, uma parcela significativa não tinha conhecimento sobre a possibilidade de contrair zoonoses através de alimentos mal cozidos.

De acordo com o artigo de Woiwode (2020), sobre avaliação da adequação dos Conhecimentos, Atitudes e Práticas de visitantes do Parque Monte Selvagem que está situado em Portugal, há algumas limitações no

conhecimento de seus visitantes. Embora a maioria dos entrevistados não tenha conseguido definir o termo "zoonose", isso não significa necessariamente que desconhecem a existência de doenças infecciosas transmissíveis entre animais e humanos, podendo apenas não estarem familiarizados com o termo "zoonose". Destaca-se que 11 dos 32 visitantes têm uma compreensão parcial do conceito de doenças transmissíveis entre animais e seres humanos, o que contribui para que possuam alguma noção dos riscos de infecção e ajuda na adoção de atitudes adequadas para diminuir esses riscos. Em relação aos agentes patogênicos que causam zoonoses, 21 dos 32 entrevistados entenderam que bactérias, vírus, parasitas e fungos podem ser responsáveis por essas doenças.

Na tabela 2, que aborda a questão 9, os resultados revelam a percepção dos entrevistados sobre as doenças conhecidas no assentamento. De acordo com os dados, 9 (37.5%) dos entrevistados relataram ter visto casos de dengue, chikungunya, zika e febre amarela na comunidade. Em contraste, outras doenças como a sarna, o bicho geográfico e a raiva foram mencionadas por 2 entrevistados cada, representando 8.33% de resposta para cada uma dessas questões. Notavelmente, o bicho de pé foi mencionado por 9 (37.5%) dos entrevistados, o que indica uma maior familiaridade com essa doença específica.

De acordo com o Centro de Vigilância Epidemiológica (2024) "Prof. Alexandre Vranjac" do estado de São Paulo, os dados de vigilância epidemiológica para o período de 2007 a 2022 mostram um total de 5.452 casos de Leishmaniose tegumentar. Em Araraquara, no mesmo período de 2015 a 2022, foram registrados 66 casos dessa doença. Quanto à Leishmaniose Visceral, de 2015 a 2024, houve 648 casos no estado de São Paulo. Já em relação à Febre Maculosa, de 2007 a 2023, foram notificados 1.167 casos em todo o estado, sendo apenas 1 caso em Araraquara em 2016 e outro em 2023.

No Gráfico 7, as respostas indicam uma discrepância significativa em relação ao bicho de pé, com 23 entrevistados relatando casos associados a essa condição, enquanto apenas 9 mencionaram diretamente o bicho de pé na

Tabela 2. Além disso, o número de menções à leishmaniose, toxoplasmose, sarna sarcóptica, bicho geográfico e febre maculosa também difere entre os dois conjuntos de dados.

Com base nos dados coletados, é possível observar uma discrepância nas respostas dos entrevistados em relação às doenças mencionadas no assentamento. Na Tabela 2, que aborda a questão 9 sobre as doenças conhecidas na comunidade, notamos que o bicho de pé foi mencionado por 9 (37.5%) dos entrevistados, sugerindo uma presença mais percebida dessa doença entre os moradores ou vizinhos.

A análise dos resultados da Tabela 2, que aborda as doenças conhecidas no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP, em comparação com as respostas do Gráfico 7 sobre doenças transmitidas por animais, revela uma discrepância notável nas percepções dos entrevistados.

Na Tabela 2, observamos que 9 (37.5%) dos entrevistados mencionaram ter conhecimento sobre casos de dengue, chikungunya, zika e febre amarela na comunidade, assim como o bicho de pé, com a mesma porcentagem de 9 (37.5%). No entanto, é interessante notar que nenhuma menção foi feita às doenças como leishmaniose, toxoplasmose e febre maculosa, apesar de sua relevância epidemiológica. Por outro lado, a sarna, o bicho geográfico e a raiva foram mencionados por 2 (8.33%) dos entrevistados cada.

Na pesquisa de Brito *et al.* (2021), os entrevistados também foram questionados se já haviam contraído alguma zoonose ou se conheciam alguém que tivesse contraído. A maioria dos entrevistados (98,96%) afirmaram nunca ter contraído uma zoonose ou conhecer alguém que tenha contraído. Apenas 1,04% dos entrevistados relataram conhecer pessoas que já tiveram alguma zoonose, mencionando o calazar, larva migrans cutânea e toxoplasmose.

Segundo Borges (2008) a percepção de doenças entre familiares, vizinhos e na comunidade em geral, juntamente com o conhecimento sobre a existência de determinadas enfermidades na região, desempenha um papel crucial na identificação de doenças. Isso muitas vezes leva as pessoas a

desenvolverem noções, mesmo que básicas, sobre os vetores, reservatórios, modos de transmissão e medidas preventivas das doenças.

Tabela 2 - Respostas da questão 9 sobre doenças transmitidas pelos animais que sabem que já ocorreram no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP

(continua)

Zoonoses	N	%
Dengue, chikungunya, zika, febre amarela	9	37.5%
Leishmaniose	0	0%
Toxoplasmose	0	0%
Sarna	2	8.33%
Bicho de pé	9	37.5%
Bicho geográfico	2	8.33%
Raiva	2	8.33%
Febre maculosa	0	0%
Outros	0	0%
Não quero Responder	0	0%
Total	24	100%

Fonte: elaborada pela autora (2023).

5.3 QUESTÕES RELACIONADAS À ATITUDE

Analisando os dados apresentados na tabela 3, sobre as questões relacionadas à atitude, aspectos importantes das atitudes da comunidade em relação ao cuidado dos animais nos assentamentos foram revelados.

A atitude generalizada na questão 14 da tabela 3 de tratar animais doentes sem consultar veterinários, mencionada por 14 (58,33%) dos entrevistados, destaca a realidade da comunidade enfrentar desafios específicos, como distância da cidade, falta de serviços veterinários na vizinhança ou restrições financeiras. Isto indica que são necessárias

estratégias educativas para promover a importância dos cuidados veterinários e comunicar os riscos associados à automedicação em animais, além da ausência do profissional para passar orientações em caso de doenças zoonóticas nos animais.

Na questão 16 sobre receber assistência veterinária periodicamente, a constatação é de que apenas 4 (16,67%) dos entrevistados afirmaram que seus animais recebem cuidados veterinários ocasionais sugere desafios na obtenção de cuidados veterinários regulares na comunidade. A maioria, 20 (83,33%) dos entrevistados não levam seus animais para receber atendimento veterinário com frequência, o que pode ser devido a problemas financeiros ou à falta de serviços veterinários na área.

Os resultados da questão 17, ainda na tabela 3, fala sobre a necessidade de buscar ajuda veterinária, e 8 (33,33%) dos entrevistados já pediu assistência veterinária e/ou levou o animal a cidade de Araraquara, mostra que existe uma parte ativa da comunidade que busca ajuda em situações críticas e talvez entenda a importância de um tratamento especial para garantir a saúde dos animais. Porém, a maioria, 16 (66,67%) dos entrevistados, afirmou não precisar consultar o veterinário, citando possíveis motivos como a proximidade dos serviços veterinários ou a ausência de situações de emergência.

Vários fatores podem influenciar esta perspectiva, tais como a percepção de que certos problemas de saúde animal podem ser tratados localmente ou com métodos tradicionais. Esta dualidade de respostas destaca a complexidade das atitudes da comunidade em relação aos cuidados com os animais. Enquanto alguns procuram ativamente cuidados veterinários, outros podem confiar em métodos alternativos ou acreditar na capacidade de gerir sozinhos as necessidades de saúde dos seus animais.

Para fortalecer de forma abrangente a saúde dos animais na comunidade, é importante compreender as diferentes causas das diversas reações. Estratégias eficazes incluem a melhoria do acesso aos serviços veterinários e a construção de parcerias com profissionais especializados. Estas iniciativas são necessárias para garantir um ambiente sustentável e

saudável para os animais e, portanto, também para os habitantes do próprio assentamento.

Tabela 3 - Questionário relacionado à atitude no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP.

ATITUDE	N	%
14. Quando o animal está doente trata sem consultar um veterinário.		
Sim	14	58.33%
Não	10	41.67%
Não quero Responder	0	
Total	24	100%
15. Participou de programas de vacinação de animais		
Sim	11	45.83%
Não	13	54.17%
Não quero Responder	0	
Total	24	100%
16. Recebe assistência veterinária periodicamente		
Sim	4	16.67%
Não	20	83.33%
Não quero Responder	0	
Total	24	100%
17. Necessitou chamar assistência veterinária por conta própria		
Sim	8	33.33%
Não	16	66.67%
Não quero Responder	0	
Total	24	100%

Fonte: elaborada pela autora (2023).

No estudo de Langoni (2011), também foi observada uma baixa adesão à consulta veterinária regular. Apenas 28,8% dos entrevistados relataram levar seus animais de estimação ao médico veterinário periodicamente, enquanto 71,2% o fazem apenas quando o animal está doente. Apesar da presença de diversas clínicas veterinárias no município, além do Hospital Veterinário da FMVZ UNESP Botucatu-SP, a população mencionou a falta de recursos financeiros como um obstáculo para buscar cuidados veterinários regulares para seus animais de estimação. E no estudo de Silva *et al.* (2009), que foi conduzido em Teresina-PI, a maioria das pessoas relataram nunca ter levado seus cães ao médico veterinário (75,3%).

5.4 QUESTÕES RELACIONADAS À PRÁTICA

A prática da vacinação animal torna-se ponto de discussão e os dados da Tabela 4 revelam diversas perspectivas e desafios no assentamento. Examinando as respostas dos entrevistados sobre a frequência da vacinação, podemos destacar vários aspectos dignos de nota. A frequência de vacinação semestralmente é feita somente por uma minoria de 4 (17%) dos entrevistados afirmando vacinar seus animais. No entanto, uma maioria significativa de 19 (79%) entrevistados, relataram não seguir esta prática.

Outra prática é a vacinação anual, adotada por somente 10 (42%) dos entrevistados. Esta frequência pode refletir um compromisso moderado com a saúde animal, embora uma proporção significativa de 13 (54%) não tenha a prática da vacinação anual recomendada. Sobre a prática de nunca vacinar os animais, foi analisado que 6 (25%) dos entrevistados nunca vacinaram os seus animais, sendo particularmente preocupante. Isto pode indicar uma falta de consciência dos benefícios da vacinação ou potenciais barreiras, tais como acesso limitado a serviços veterinários ou restrições financeiras.

A variação nas respostas sugere que são necessárias abordagens mais eficazes para comunicar e educar sobre a importância da vacinação. Estratégias específicas para superar potenciais barreiras, como custos ou falta de conhecimento, podem desempenhar um papel fundamental na promoção de práticas de vacinação mais consistentes.

Conforme Langoni *et al.* (2011) destacam, a vacinação e a vermifugação não apenas representam práticas de responsabilidade na guarda de animais, mas também contribuem significativamente para a redução dos riscos à saúde pública. No entanto, é crucial esclarecer que apenas a vacina antirrábica não oferece proteção contra todas as doenças zoonóticas. Portanto, o ressurgimento do conceito de "Saúde Única" tem influenciado o campo da vacinologia, enfatizando a interconexão entre a saúde humana, animal e ambiental.

De acordo com a pesquisa de Brito *et al.* (2021), 81,41% dos tutores afirmaram vacinar seus animais periodicamente, possivelmente devido às campanhas anuais de vacinação contra raiva para cães e gatos. Em contraste, minha pesquisa revelou uma baixa participação em programas de vacinação, com apenas 45,83% dos entrevistados relatando participação. Isso indica uma falta de educação e prevenção adequadas. O não cumprimento das práticas preventivas pode impactar negativamente a saúde dos animais na área, incluindo a disseminação de zoonoses. É importante mencionar que no município em questão não há mais campanhas de vacinação, o que pode contribuir para a falta de adesão aos programas de vacinação e, conseqüentemente, para o aumento dos riscos à saúde animal e humana.

Buscando compreender o motivo pelo qual o município de Araraquara/SP não está mais realizando campanhas de vacinação antirrábica, o Centro de Controle de Zoonoses do município informa que, segundo a Secretaria de Estado de São Paulo, em conjunto com a Coordenadoria de Controle de Doenças do Instituto Pasteur, foi publicada uma Nota Técnica IP/CCD/SES-SP em 04/09/2020:

“Em virtude da vacinação massiva de cães realizada anualmente pelos municípios, juntamente com o desenvolvimento das demais ações preconizadas pelo Programa de Vigilância e Controle da Raiva (PVCR), o estado de São Paulo (ESP) conseguiu controlar a raiva

transmitida pela variante canina. Os últimos casos de raiva humana e canina neste estado causados pela variante canina ocorreram em 1997 e em 1998, respectivamente; desde então, todos os casos registrados no estado de São Paulo foram causados por variantes de morcego.”

A nota técnica menciona a suspensão das campanhas de vacinação antirrábica do Centro de Controle de Zoonoses Urbanas. De acordo com as respostas fornecidas, esta decisão foi baseada nas informações de 9 de abril de 2020 da Secretaria de Estado de São Paulo e da Coordenadoria de Controle de Doenças do Instituto Pasteur.

O documento justifica a suspensão das campanhas de vacinação antirrábica pelo sucesso de iniciativas anteriores, especialmente a vacinação anual em massa de cães pelos municípios. Essa prática, aliada a outras medidas preconizadas pelo Programa de Controle e Prevenção da Raiva (PVCR), teria contribuído significativamente para o controle da prevalência da raiva canina no estado de São Paulo.

A nota ressalta que, desde 1998, não houve casos de raiva humana em quadro causado pela variante canina. Todos os casos registrados desde então foram causados por variantes de morcegos. Este cenário indica que a variante canina da raiva está sob controle, permitindo que intervenções e recursos mais direcionados sejam atribuídos a outras áreas prioritárias.

Esta decisão levanta questões importantes sobre a gestão eficaz dos recursos de saúde pública. Se a raiva canina puder ser controlada de forma eficaz, uma estratégia sensata poderá ser a realocação de recursos para as áreas mais necessitadas. Contudo, é essencial que sejam realizados monitoramentos contínuos e avaliações regulares para garantir que esta decisão não coloque em risco a segurança da população contra a raiva ou outras zoonoses. A nota técnica enfatiza a importância do monitoramento contínuo das condições epidemiológicas e da adaptação de estratégias conforme necessário.

A prática de administração de vermífugos em animais, focando na frequência de vermifugação dos animais a cada 6 meses, a questão revelou que a maioria dos participantes, com 13 (54%) indivíduos, indicou que administra vermífugo a seus animais a cada 6 meses. Mas 11 (46%) participantes afirmaram que não administram vermífugo a cada 6 meses, ou que nunca vermifugam os animais do lote. Mostrando que as práticas de desparasitação variam entre os participantes, com uma proporção significativa seguindo a prática recomendada de seis em seis meses, enquanto outros não seguem esta frequência.

Segundo Brito *et al.* (2021), em relação à vermifugação, foi observado que apenas uma parte dos tutores adota essa prática regularmente: 34,62% afirmaram que seus animais são vermifugados semestralmente, 10,26% trimestralmente, 4,49% anualmente, e 12,82% de forma aleatória. Além disso, uma parcela significativa de 37,82% dos tutores não realiza a vermifugação em seus animais. Esses resultados mostram que a vermifugação é menos comum do que a vacinação na área estudada.

No estudo de Ribeiro *et al.* (2020), quanto ao tratamento com vermífugo ou anti-helmíntico, antes da capacitação, 60% dos alunos afirmaram ter conhecimento sobre o significado desse termo, e 50% relataram administrar essa medicação anualmente. Após a capacitação, esses números aumentaram significativamente, com 87,5% dos alunos declarando saber o que é vermífugo e 81,25% afirmando utilizar essa medicação anualmente. Esses resultados indicam uma melhoria no entendimento dos alunos e destacam a importância de reforçar a compreensão sobre o uso e a relevância dos vermífugos, o que contribui para prevenir a transmissão de zoonoses parasitárias. Essa capacitação demonstrou ser crucial para conscientizar os alunos sobre os benefícios de vermifugar os animais.

A respeito da administração de vermífugos em humanos, e se faz uso anualmente, apenas três participantes afirmaram tomar vermífugo anualmente. A maioria dos participantes, 21 (87.5%), indicou que não toma ou nunca tomou vermífugo. Um dos entrevistados afirmou tomar ivermectina, o outro respondeu que utiliza as folhas de feijão guandu em forma de chá por conta das suas

propriedades e por fim, outro entrevistado que disse possuir conhecimento dos medicamentos e informações sobre, pois trabalhou no posto de saúde do assentamento e faz o uso do vermífugo regularmente.

A baixa adesão a vermifugação humana no assentamento, aliada a falta de vermifugação animal relatada por 46% dos entrevistados, revela um dado preocupante de vulnerabilidade a verminoses da população humana do assentamento. O fato da relação próxima da população humana com os animais de estimação (figuras 7 e 11), coloca a população do assentamento em alto risco de verminoses.

O estudo realizado por Curi (2017) investigou os fatores de risco para infecções parasitárias gastrointestinais em cães nas imediações de áreas protegidas da Mata Atlântica. Os resultados revelaram altas taxas de infecção, como 47% para *Ancylostoma*, 18% para *Toxocara* e 8% para *Trichuris*, com infecções mistas em 36% das amostras. Essas descobertas têm implicações significativas, tanto para a saúde humana quanto para a vida selvagem, destacando a importância de monitorar e controlar esses parasitas em cães que interagem com essas áreas.

Na medicina tradicional, o feijão guandu é muito utilizado no tratamento de diversas doenças, com destaque para doenças como diabetes, doenças parasitárias e infecções diversas. Esse uso tradicional enfatiza a importância da planta não apenas como fonte alimentar, mas também como recurso terapêutico em comunidades que utilizam medicamentos baseados em práticas locais (TEIXEIRA; LOPEZ, 2022).

Sobre a prática de higiene relacionada à preparação de alimentos, especificamente se os participantes lavam as mãos antes de iniciar esse processo, e se lavam as mãos antes de comer, a pesquisa mostrou que todos os 24 (100%) participantes afirmaram que lavam as mãos antes de preparar e comer alimentos, indicando uma consciência generalizada da importância da higiene das mãos.

Na tabela 4, foi realizada uma comparação das práticas de alimentação animal, pois a maioria dos participantes, 21 (87.5%) afirmaram comprar

alimentos para alimentar os animais. Uma minoria de 3 (12.5%) entrevistados, afirmou não comprar ração. Quanto à produção dos alimentos para os seus animais do lote, 6 (25%) relatou que eles produziam no lote.

Em relação ao aproveitamento de restos de comida, 13 (54.17%) entrevistados indicaram que alimentam os seus animais com resíduos alimentares e 11 (45.83%) entrevistados afirmaram que não utilizam resíduos alimentares para alimentar os seus animais.

A predominância da compra de ração sugere uma preferência pela conveniência e disponibilidade comercial em relação a alimentar os animais com o que produz no lote, sendo menos prevalente entre os participantes. O aproveitamento de resíduos alimentares e rações é uma prática que tem sido adotada por um número significativo de pessoas.

De acordo com Langoni (2011), em relação aos hábitos alimentares de cães e gatos, 28,3% dos entrevistados mencionaram fornecer tanto comida caseira quanto ração simultaneamente. Por outro lado, 41,4% dos entrevistados indicaram fornecer apenas um tipo de alimento para seus animais, sendo que 17% desses ofereciam comida caseira e 83% optavam apenas por ração. O aumento progressivo na produção de ração para cães e gatos tem facilitado o acesso da população a esse tipo de alimento. No entanto, é importante que os proprietários estejam atentos à qualidade, pois nem sempre as rações mais acessíveis oferecem níveis nutricionais adequados.

No estudo de Ribeiro *et al.* (2020), ao serem indagados sobre o tipo de alimentação adequada para os animais, antes da capacitação, a maioria dos participantes optava por fornecer ração acompanhada de comida (50%), enquanto após a capacitação, 75% dos alunos indicaram a preferência por ração e 25% ainda optaram por uma combinação de ração e comida.

E de acordo com Lopes *et al.* (2019) atualmente, é amplamente reconhecido que os animais de estimação desfrutam de uma relação íntima com os seres humanos, levando os proprietários a tomar decisões alimentares para seus animais de estimação de forma semelhante às que adotam para si próprios. Seus resultados apontam que 59,37% dos proprietários de animais de

estimação optaram por fornecer ração seca, enquanto 33,33% escolheram uma combinação de ração e comida caseira. É evidente a necessidade de uma maior conscientização entre os proprietários de cães e gatos sobre a importância de uma alimentação adequada, alinhada com as necessidades nutricionais específicas desses animais domiciliados.

A alimentação dos animais possui uma diversificação notável, principalmente com restos de comida, sendo uma prática comum, podendo indicar uma abordagem que possa trazer problemas futuros aos animais, como obesidade, alergias, faltas de nutrientes adequados, intoxicações e problemas digestivos.

Tabela 4 - Questionário relacionado à prática no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP

(continua)

PRÁTICA	N	%
18. Vacina os animais a cada 6 meses		
Sim	4	17%
Não	19	79%
Não quero Responder	1	4%
Total	24	100%
19. Vacina os animais uma vez ao ano		
Sim	10	36%
Não	13	46%
Não quero Responder	1	18%
Total	24	100%
20. Nunca vacinou os animais		
Sim	6	25%
Não	18	75%
Não quero Responder	0	
Total	24	100%

21. Da vermifugo para os animais a cada 6 meses		
Sim	13	54%
Não	11	46%
Não quero Responder	0	
Total	24	100%

22. Lava as mãos antes de preparar os alimentos		
Sim	24	100%
Não	0	
Não quero Responder	0	
Total	24	100%

23. Lava as mãos antes de comer os alimentos		
Sim	24	100%
Não		
Não quero Responder		
Total		

24. Eu faço uso de vermífugo todo ano		
Sim	3	12.5%
Não	21	87.5%
Não quero Responder		
Total		

25. Compra ração para alimentar os animais		
Sim	21	87.5%
Não	3	12.5%
Não quero Responder		
Total		

26. Alimenta os animais com o que produz no lote		
Sim	6	25%

Não	18	75%
-----	----	-----

Não quero Responder

Total

27. Alimenta os animais com restos de comida

Sim	13	54.17%
-----	----	--------

Não	11	45.83%
-----	----	--------

Não quero Responder

Total

28. Trata os animais contra carrapato/pulga com plantas

Sim	5	21%
-----	---	-----

Não	19	79%
-----	----	-----

Não quero Responder

Total

29. Trata os animais contra carrapato/pulga comprando remédio

Sim	19	79%
-----	----	-----

Não	5	21%
-----	---	-----

Não quero Responder

Total

30. Recolhe as fezes dos animais e enterra

Sim	6	25%
-----	---	-----

Não	18	75%
-----	----	-----

Não quero Responder

Total

31. Usa as fezes dos animais como adubo

Sim	7	32%
-----	---	-----

Não	15	68%
-----	----	-----

Não quero Responder

Total		
32. Joga as fezes dos animais no lixo		
Sim	4	16.67%
Não	20	83.33%
Não quero Responder		
Total		

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Quanto ao tratamento de carrapatos e pulgas dos animais com plantas, na tabela 4, o estudo mostrou que a prática é adotada por 5 (20%) dos entrevistados, que utilizam uma abordagem mais natural ou alternativa ao controle de carrapatos e pulgas. O tratamento medicamentoso é a prática mais adotada pela maioria dos participantes, com 19 (79%) dos entrevistados, indicando preferência por métodos convencionais ou medicamentos específicos para controle de carrapatos e pulgas.

Sobre recolher as fezes dos animais, os entrevistados realizam várias formas de descartes: recolher e enterrar as fezes, é uma prática adotada por uma minoria de 6 (25%) dos entrevistados, a coleta e uso como fertilizante, também é aceito pela minoria, 7 (32%) indivíduos fazem o uso das fezes. E a escolha de recolher e jogar no lixo é a prática adotada por 4 (16.67%) pessoas.

A partir dos dados apresentados, na tabela 4, fica evidente que a prática de descartar as fezes dos animais no lixo é adotada por uma minoria dos participantes, representando aproximadamente 4 (16,67%) das respostas. Por outro lado, a grande maioria, cerca de 83,33% dos entrevistados, indicou não seguir essa prática.

Esses resultados sugerem que uma parcela significativa dos participantes não realiza a coleta e descarte das fezes dos animais em lixo apropriado. A justificativa para essa escolha pode ser interpretada de diversas maneiras. É possível que os participantes considerem as fezes dos animais como um resíduo natural, especialmente se os animais fazem suas

necessidades em áreas como matas, mato, ou ruas, onde o contato humano é limitado.

A preferência por não coletar as fezes pode indicar uma percepção deles de que essas não representam um problema significativo para o ambiente ou para a comunidade. Isso, pode refletir a ideia de que, em ambientes mais rurais ou distantes de áreas urbanas, as fezes dos animais são parte integrante do ambiente e se decompõem naturalmente.

De acordo com Ribeiro *et al.* (2020) em relação ao comportamento dos animais em relação à defecação, observou-se uma diferença significativa entre o pré e o pós-capacitação. A maioria dos participantes relatou que seus animais costumam defecar nos quintais de suas residências, enquanto poucos mencionaram que os animais defecavam na rua e eram recolhidas as fezes. Além disso, alguns alunos ainda afirmaram que os animais defecavam na rua, mas não recolhiam os dejetos.

Contudo, é importante ressaltar que a prática de descartar as fezes dos animais no lixo pode contribuir para uma gestão mais higiênica e sustentável desses resíduos, especialmente em áreas mais densamente habitadas ou onde há maior interação entre animais e humanos. A discussão dessas práticas pode ser um ponto de partida para iniciativas de conscientização ambiental na comunidade, promovendo boas práticas de higiene e cuidado com o ambiente compartilhado.

A pesquisa de Toledo (2006) abordou a importância de afastar as fezes das casas e das pessoas no Distrito de Iauaretê, São Gabriel da Cachoeira / AM. Os entrevistados reconheceram unanimemente a importância desse afastamento, motivados principalmente por preocupações com saúde, estética e conforto. Eles expressaram preocupações com a presença de moscas, mau cheiro e a possibilidade de doenças associadas às fezes, destacando a necessidade de práticas sanitárias adequadas. Além disso, foram identificados diferentes tipos de resíduos próximos às casas, incluindo matéria orgânica, latas, plástico e fezes de animais.

A autora ainda aborda que os participantes nas reuniões comunitárias também compartilharam conhecimentos sobre saúde e meio ambiente, como a noção de espaço, cadeia alimentar, poluição difusa e transmissão de doenças

como malária, diarreias e verminoses. No entanto, embora reconhecessem as consequências negativas da falta de saneamento, ainda não haviam adotado práticas que poderiam melhorar as condições de vida da comunidade nesse aspecto.

A análise da tabela 5, sobre a questão da existência de poço caipira no lote, revela que 3 (12.5%) dos participantes afirmam possuir poço caipira, enquanto a grande maioria, representada por 21 (87.5%), indica a ausência desse tipo de poço em seus lotes. Poços caipiras são estruturas tradicionais, geralmente rasas, que exploram lençóis freáticos superficiais. Essa prática pode ser uma escolha em áreas onde a água é mais facilmente acessível ou quando se busca uma solução mais econômica. A presença de poços caipiras em pelo menos 3 (12.5%) dos lotes sugere uma diversidade nas fontes de abastecimento de água na comunidade.

A maioria dos participantes indicou a ausência de poço caipira, semelhante à figura 16, o que pode apontar para uma preferência por fontes de água mais profundas ou métodos de abastecimento alternativos, como poços semi-artesianos, artesianos, ou mesmo sistemas de distribuição de água da região.

Figura 16 - Antigo poço caipira que não é mais utilizado no assentamento Bela Vista do Chibarro



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

A análise das questões relacionadas à presença de poços semi-artesianos e artesianos nos lotes apresenta os seguintes resultados: apenas 1 (4.17%) dos participantes afirmam possuir poço semi-artesiano em seus lotes. A grande maioria, representando 23 (95.83%), indica a inexistência desse tipo de poço em seus terrenos.

As questões relacionadas à presença de poço artesiano no lote, mostra que 5 (20.83%) dos entrevistados afirmam possuir poço artesiano em seus lotes, já a maioria, correspondendo a 19 (79.17%), indica não ter esse tipo de poço em suas propriedades. A presença de poços artesianos em quase um quinto dos lotes é significativa, indicando uma prática mais comum em comparação com os poços semi-artesianos.

Sobre as análises das questões relacionadas à presença de fossas e fossas sépticas nos lotes dos participantes revela o seguinte panorama: Uma parcela considerável, representando 9 (37.5%), afirma possuir fossa para o banheiro em seus lotes, mas a maioria, 15 (62.5%), indica não ter esse sistema em suas propriedades. A presença de fossas para o banheiro em mais de um terço dos lotes sugere uma prática relativamente comum na comunidade.

Em relação à questão sobre ter a fossa séptica para o banheiro, 3 (12.5%) dos entrevistados afirmam possuir fossa séptica para o banheiro em seus lotes, e 21 (87.5%) dos entrevistados, indicaram não contar com esse sistema.

A análise da questão sobre a localização da fossa em relação à casa dos participantes fornece informações importantes sobre as práticas de saneamento na comunidade, a opção "Sim" foi selecionada por 5 (20.83%) dos entrevistados, indicando que uma parcela minoritária possui a fossa em proximidade com suas residências. A maioria, representando 19 (79.17%) dos entrevistados, indicou que a fossa não está localizada próxima à casa.

Os resultados apontam para uma diversidade de práticas na comunidade, destacando a necessidade de avaliar e compreender as condições específicas de cada lote em relação ao saneamento básico. Essa análise contribui para identificar áreas que podem beneficiar-se de intervenções ou conscientização sobre práticas adequadas de saneamento.

A análise das questões relacionadas ao abastecimento de água nos lotes dos participantes, assim como a localização dos poços e a presença de cobertura, fornece uma visão detalhada das práticas hídricas na comunidade. Na questão sobre utilizar a água do poço ou córrego em casa, 5 (20.83%) dos entrevistados afirmam usar água proveniente do poço ou córrego em suas residências, e 19 (79.17%), indicaram não utilizar essa fonte de água em suas casas. A utilização de água proveniente de poço ou córrego indica uma dependência dessas fontes para o abastecimento doméstico. Essa prática pode apresentar desafios em termos de qualidade e tratamento da água.

Sobre a questão 39 em relação ao poço ficar perto da casa, apenas 2 (8.33%) dos entrevistados afirmam que o poço em seus lotes está localizado próximo às suas casas, e 22 (91.67%), indica que o poço não se encontra nas proximidades de suas residências.

A análise da questão sobre a prática de cobrir os poços revela que 6 participantes (25%) adotam essa medida, enquanto 18 (75%) indicam que não possuem poços.

No entanto, é importante notar que a questão sobre poços caipiras não é relevante para a maioria dos entrevistados, já que apenas 2 participantes afirmaram possuir esse tipo de poço, considerando que o assentamento recebe água potável fornecida pelo DAAE.

Tabela 5 - Questionário relacionado à prática no Assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara-SP

(continua)

PRÁTICA	N	%
33.Tem poço caipira no lote		
Sim	3	12.5%
Não	21	87.5%
Não quero Responder	0	
Total	24	
34.Tem poço semi-artesiano no lote		

Sim	1	4.17%
Não	23	95.83%
Não quero Responder	0	
Total	24	

35.Tem poço artesiano no lote

Sim	5	20.83%
Não	19	79.17%
Não quero Responder	0	
Total	24	

36.Tem fossa para o banheiro

Sim	9	37.5%
Não	15	62.5%
Não quero Responder	0	
Total	24	

37.Têm fossa séptica para o banheiro

Sim	3	12.5%
Não	21	87.5%
Não quero Responder	0	
Total	24	

38.Usa água do poço ou córrego na casa

Sim	5	20.83%
Não	19	79.17%
Não quero Responder	0	
Total	24	100%

39.O poço fica perto da casa

Sim	2	8.33%
Não	22	91.67%

Não quero Responder	0	
Total	24	100%
40.A fossa fica perto da casa		
Sim	5	20.83%
Não	19	79.17%
Não quero Responder	0	
Total	24	100%
41.O poço fica coberto		
Sim	6	25%
Não	18	75%
Não quero Responder	0	
Total	24	100%

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Durante as visitas e entrevistas, foi observado que os assentados possuem pouco conhecimento sobre zoonoses e arboviroses, aumentando o risco de transmissão dessas doenças. A vulnerabilidade das populações carentes, especialmente nas áreas rurais, é agravada pela falta de acesso à educação e pela precária infraestrutura sanitária. Portanto, medidas educativas e técnicas são fundamentais para conscientizar sobre os riscos à saúde e promover práticas adequadas de higiene e manejo animal. É crucial que as políticas públicas abordem a pobreza e melhorem o acesso à infraestrutura básica para mitigar os impactos das zoonoses nessas comunidades.

Em relação aos cuidados veterinários com os animais, a baixa frequência de busca por assistência veterinária periodicamente pode sugerir uma possível falta de conscientização ou acesso a serviços veterinários regulares no assentamento. Mesmo que a maioria dos entrevistados nunca tenha necessitado ou não sabia como fazer para chamar assistência veterinária por conta própria, ainda há uma parcela significativa que já enfrentou situações de emergência veterinária e fez o uso.

Sobre a vacinação dos animais a cada 6 meses é praticada por uma minoria, indicando a necessidade de maior promoção e conscientização sobre cuidados preventivos, ou por muitos desses entrevistados não possuírem animais que necessitem dessa frequência semestral de vacinação. A opção de vacinar os animais uma vez ao ano é mais comum, mas ainda assim, a falta de adesão total ressalta a importância de medidas educativas e acessibilidade a serviços veterinários.

A higiene e alimentação dos animais foi algo interessante de se abordar, pois a coleta e destinação adequada das fezes dos animais variam, destacando diferentes práticas, incluindo uso como adubo, descarte no lixo e não recolhimento das fezes dos animais, o que pode levar a um sério problema de disseminação de verminoses. Essa situação se agrava devido a baixa adesão ao uso de vermífugos tanto na população de animais mas, principalmente, o uso pelos assentados e seus familiares.

Já a alimentação dos animais possui uma diversificação notável, principalmente com restos de comida, sendo uma prática comum, podendo indicar uma abordagem que possa trazer problemas futuros aos animais, como obesidade, alergias, faltas de nutrientes adequados, intoxicações e problemas digestivos.

Em relação à infraestrutura e recursos hídricos, mesmo com a presença do DAAE no local, que fornece o tratamento de água tratada e esgoto naquela região, ainda há presença de diferentes tipos de poços (caipira, semi-artesiano, artesiano) destaca a diversidade de fontes de água no lote. A existência de fossas negras para o banheiro e fossas sépticas sugere uma preocupação com o tratamento adequado dos resíduos sanitários, principalmente a localização e cuidados com a proximidade da casa com o poço e a fossa é variável, indicando diferentes abordagens em relação à localização dessas estruturas. A cobertura do poço é uma prática adotada por uma parte dos entrevistados, sugerindo precauções para manter a qualidade da água.

6. CONCLUSÃO

Com base nos resultados e análises realizadas neste estudo, é possível destacar diversas questões de grande relevância para a compreensão e ação em relação à saúde e ao meio ambiente na comunidade estudada.

No contexto das zoonoses, é crucial abordar não apenas a sua ocorrência, mas também as medidas preventivas, como a vacinação dos animais e a importância do acompanhamento veterinário regular. A conscientização sobre essas questões pode ajudar a proteger tanto os animais quanto os moradores locais contra doenças transmitidas por animais.

Ao abordar a questão da adesão ao uso de vermífugos e o descarte inadequado de fezes de animais, é possível identificar desafios significativos. A falta de adesão a medidas preventivas e o manejo inadequado dos resíduos podem contribuir para a propagação de doenças zoonóticas e para problemas ambientais.

Além disso, é relevante destacar a importância da educação sobre saúde pública, incluindo a promoção de hábitos saudáveis e a compreensão dos riscos associados às práticas inadequadas de higiene e manejo animal. Isso pode ser alcançado por meio de campanhas educativas, acesso facilitado a serviços de saúde e orientação adequada sobre cuidados veterinários. Ao discutir esses tópicos, é fundamental considerar a diversidade de desafios e oportunidades que surgem em comunidades como essa, buscando soluções integradas que promovam o bem-estar tanto dos seres humanos quanto dos animais que compartilham o mesmo ambiente.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, os dados refletem uma diversidade de práticas e condições no lote, indicando áreas de sucesso e aspectos que podem beneficiar de estratégias de conscientização, educação e melhorias de acesso a serviços essenciais. Estas observações podem orientar iniciativas para promover práticas sustentáveis, saúde animal e ambiental no assentamento. Trazendo

inúmeras sugestões de novas abordagens e futuras pesquisas naquela região.

Como por exemplo:

- Programas de educação veterinária: cuidados veterinários, vacinação e prevenção de doenças para aumentar a conscientização.
- Sensibilização de posse responsável: importante para reduzir os riscos de transmissão de zoonoses e para o sucesso do controle de populações de cães e gatos, com ações voltadas para castração desses animais.
- Buscar parcerias com profissionais de saúde animal para oferecer workshops ou clínicas veterinárias temporárias no assentamento.
- Sustentabilidade na alimentação animal: promovendo práticas sustentáveis na alimentação dos animais, incentivando a diversificação das fontes alimentares e o uso de resíduos orgânicos, para animais de pequenos e grande portes, como foco em estratégias para melhorar a auto-suficiência na produção de alimentos.
- Elaborar um levantamento dos animais que são utilizados para alimentação de subsistência ou comercialização de carne, ovos e leite e seus respectivos manejos, verificando a sanidade dessas criações.
- Placas informativas sobre zoonoses: instalar placas informativas em locais estratégicos do assentamento, destacando as zoonoses mais comuns na região e medidas preventivas.
- Palestras sobre zoonoses: organizar palestras regulares sobre zoonoses, ministradas por profissionais de saúde ou veterinários, para educar os moradores sobre os riscos e medidas de prevenção.
- Promover o aprimoramento da formação dos profissionais da saúde: em todas as etapas educacionais, incluindo graduação, especialização e pós-graduação, abordando aspectos como o impacto das doenças zoonóticas na saúde humana, tanto de forma global quanto em grupos de indivíduos específicos. Isso

envolve o estudo das diversas zoonoses, suas respectivas espécies hospedeiras e reservatórios, assim como as vias de transmissão associadas.

- Elaborar e implementar projetos de extensão nas faculdades com foco na conscientização e educação da comunidade sobre questões relacionadas às zoonoses e saúde pública.
- Material educativo nas escolas: introduzir material educativo sobre zoonoses na escola local, com atividades práticas e informativas para alunos e professores.
- Distribuição de vermífugos: solicitar a distribuição de vermífugos no posto de saúde local, incentivando os moradores a realizar a desparasitação.

Essas iniciativas visam aumentar a conscientização sobre zoonoses na comunidade rural e promover medidas preventivas para reduzir o risco de transmissão dessas doenças.

Não sabemos qual zoonose será a próxima grave ameaça à saúde pública no âmbito das zoonoses. Contudo, ao intensificar os esforços para aprimorar a capacidade de resposta a esses patógenos, aumenta, igualmente, a probabilidade de uma resposta eficiente e eficaz diante de zoonoses novas, reemergentes e negligenciadas que possam surgir no futuro.

Assim, com os resultados alcançados até o momento, espera-se que surjam novas oportunidades para dar continuidade a este processo.

8. REFERÊNCIAS

ACEVEDO-NIETO, E. C. *et al.* Taeniasis-cysticercosis complex in the agrarian reform rural settlements, Brazil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 42, 2022.

ALBUQUERQUE, F.J.B.; COELHO, J.A.P.M.; NÓBREGA, A.F.; LACERDA, C.S.; MARIBONDO, O.F. **A integração entre assentados agrários e comunidades vizinhas**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 499-506, 2005. Disponível em: SciELO - Brasil - Integração entre assentados agrários e comunidades vizinhas Integração entre assentados agrários e comunidades vizinhas Acesso em: 19 jun. 2023.

ALBUQUERQUE, J. L. L.; DONATO, L. E. **Conhecimento, atitude e prática (CAP) dos usuários da atenção primária do sistema único de saúde**. Programa de Iniciação Científica-PIC/UniCEUB-Relatórios de Pesquisa, 2020. Disponível em: Conhecimento, atitude e prática (CAP) dos usuários da atenção primária do sistema único de saúde | Luís Lima Albuquerque | Programa de Iniciação Científica - PIC/UniCEUB - Relatórios de Pesquisa. Acesso em: 23 mar. 2024.

ARAÚJO, Ma. M. **Inserção do médico veterinário no Núcleo de Apoio à Saúde da Família: estudos, perspectivas e propostas**. 2013. Disponível em: Microsoft Word - COMPLETO.doc (unesp.br) Acesso em: 6 mar. 2024.

ASBRAER. Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural. **Dados do IBGE** compilados pela Asbraer. Disponível em: Acesso em: INDICADOR (asbraer.org.br) Acesso em: 22 jan. 2024.

BATTISTI, C. *et al.* Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 338-348, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/2457>. Acesso em: 21 jun. 2022

BEVILACQUA, P. D. *et al.* Urbanização da leishmaniose visceral em Belo Horizonte. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 53, p. 1-8, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-09352001000100001>. Acesso em: 8 fev. 2024.

BONATTO, J. G. *et al.* ZONÓSES: CONHECIMENTO, ATITUDES E PRÁTICAS DOS ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE TUPANCIRETÃ/RS. **Anais XXIV Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão**. 2019. Disponível em: unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2019/XXIV%20SEMINARIO%20INTERINSTITUCIONAL/Mostra%20de%20Iniciacao%20Cientifica/Ciencias%20Biologicas%20e%20da%20saude/RESUMO%20. Acesso em: 08 fev. 2024.

BORGES, B. K. A. *et al.* Avaliação do nível de conhecimento e de atitudes preventivas da população sobre a leishmaniose visceral em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, p. 777-784, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000400007>. Acesso em: 8 fev. 2024.

BRASIL. Manual de vigilância, prevenção e controle de zoonoses: normas técnicas e operacionais [recurso eletrônico] / **Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis**. Brasília, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_prevencao_co%20controle%20zoonoses.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL. **Decreto n.7.508, de 28 de junho**. 2011. Regulamenta a Lei n.8.080, de 19 de setembro de 1990, que dispõe sobre a organização do Sistema Único de Saúde -SUS, o planejamento da saúde, a assistência à saúde

- e a articulação interfederativa, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 29 junho. 2011. v.1. Disponível em: Livroto Decreto n 7508_Miolo.indd (saude.gov.br). Acesso em: 12 set. de 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Arboviroses**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/arboviroses>. Acesso em 6 fev. 2024.
- BRITO, R. A. et al. **Percepção e atitudes sobre zoonoses das famílias assistidas pelas estratégias de saúde da família no município de Cajari, Maranhão**. *Holos*, v. 1, p. 1-16, 2021. Disponível: Vista do PERCEPÇÃO E ATITUDES SOBRE ZOOSEAS DAS FAMÍLIAS ASSISTIDAS PELAS ESTRATÉGIAS DE SAÚDE DA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE CAJARI, MARANHÃO (ifrn.edu.br) Acesso em 22 mar. 2024.
- CAPUANO, D. M.; ROCHA, G. M. Environmental contamination by *Toxocara* sp. eggs in Ribeirão Preto, São Paulo State, Brazil. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 47, p. 223-226, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0036-4665200500400009>. Acesso em: 8 fev. 2024.
- CARVALHO, G.; MAYORGA, G. R. S. Zoonoses e posse responsável de animais domésticos: percepção do conhecimento dos alunos em escolas no município de Teresópolis-RJ. **Revista da JOPIC**, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: ZOOSEAS E POSSE RESPONSÁVEL DE ANIMAIS DOMÉSTICOS: PERCEPÇÃO DO CONHECIMENTO DOS ALUNOS EM ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE TERESÓPOLIS-RJ | Revista da JOPIC (unifeso.edu.br). Acesso em: 22 mar. 2024.
- COPATTI, Lí. C. **Direito das Famílias: reflexões acadêmicas**. 2018. Disponível em: Direito das Famílias: reflexões acadêmicas - Lívia Copelli Copatti (Org.) (uniscd.edu.mz). Acesso em: 22 mar. 2024.
- COSTA, D. I. et al. **Percepção e atitudes da população paraibana sobre zoonoses**. 2019. Disponível em: DIC03072019.pdf (ufpb.br). Acesso em: 22 mar. 2024.
- CURI, N. H. et al. Fatores de risco para infecções parasitárias gastrointestinais em cães do entorno de áreas protegidas da Mata Atlântica: Implicações

- para a saúde humana e da vida selvagem. **Brazilian Journal of Biology**, v. 77, n. 2, p. 388-395, 2017. Disponível em: Fatores de risco para infecções parasitárias gastrointestinais em cães do entorno de áreas protegidas da Mata Atlântica: implicações para a saúde humana e da vida selvagem (bvs-vet.org.br). Acesso em: 27 mar. de 2024.
- CUTLER, S. J., *et al.* Ameaça à Saúde Pública de Zoonoses Novas, Reemergentes e Negligenciadas no Mundo Industrializado. 2010. **Emerging Infectious Diseases**. Disponível em: <https://doi.org/10.3201/eid1601.081467> Acesso em: 19 jan. 2024.
- EPIDEMIOLOGICA, Vigilância. Prof. Alexandre Vranjac. **Norma técnica do Programa de Imunização**. São Paulo. Disponível em: Índice de A-Z - Secretaria da Saúde - Governo do Estado de São Paulo (saude.sp.gov.br). Acesso em: 27 mar. de
- ESMERALDO, G. G. S. L.; MOLINA, M. C.; ANTUNES-ROCHA, M. I. O fortalecimento da identidade camponesa: repercussões do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária nos estados do Ceará, Minas Gerais e Paraná (1998-2011). **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 569-585, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017180449>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- FOGUESATTO, C. R. *et al.* **Fatores relevantes para a tomada de decisão dos jovens no processo de sucessão geracional na agricultura familiar. Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v. 37, n. 130, p. 15-28, 2016. Disponível em: *Dialnet-FatoresRelevantesParaATomadaDeDecisaoDosJovensNoPr-5585252.pdf. Acesso em: 27 mar. de 2024.
- GEBREYES, W.A.; *et al.* (2014) **The Global One Health Paradigm: Challenges and Opportunities for Tackling Infectious Diseases at the Human, Animal, and Environment Interface in Low-Resource Settings**. *PLoS Negl Trop Dis* 8(11): E3257. <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0003257>. Acesso em: 25 mar. de 2024.

- GERVASIO, W.; BATISTA, E.; CAVALCANTE, L. dos S. O êxodo da juventude camponesa: campo ou cidade? **Cadernos de Agroecologia, Recife**, v.9, n.4, p.1-8, 2015. Disponível em: O_Exodo_Da_Juventude_Camponesa_Campo_Ou.pdf. Acesso em: 27 mar. de 2024.
- GUANZIROLI, C. E. **Reforma agrária e globalização da economia: o caso do Brasil**. Projeto UTF/BRA/036/BRA, 1998. Disponível em: Roteiro para artigo: (socioambiental.org). Acesso em: 25 mar. 2024.
- HOLMES, A. C. et al. **A molecular understanding of alphavirus entry**. PLoS Pathogens, v. 16, n. 10, p. 1–20, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1371/journal.ppat.1008876>>. Acesso em: 21 jan. 2024.
- IBGE. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Cidades: Araraquara. 2015. Disponível em: IBGE | Cidades@ | São Paulo | Araraquara | Panorama Acesso em: 22 jan. 2024.
- INCRA.**Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)**. Reforma Agrária - Assentamentos. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentos>. Acesso em: 21 jan. 2024.
- LANGONI, H. *et al.* **Conhecimento da população de Botucatu-SP sobre guarda responsável de cães e gatos**. **Veterinária e Zootecnia**, v. 18, n. 2, p. 297-305, 2011. Disponível em: Vista do CONHECIMENTO DA POPULAÇÃO DE BOTUCATU-SP SOBRE GUARDA RESPONSÁVEL DE CÃES E GATOS (emnuvens.com.br). Acesso em: 8 fev. 2024.
- LANGONI, H.; *et al.* Educação em saúde nas escolas: o papel do médico veterinário no controle das zoonoses. **8º Congresso de extensão universitária da UNESP**, p. 1-4, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/142571>. Acesso em: 10 set. 2022.
- LIMA, A. M. A. *et al.* Percepção sobre o conhecimento e profilaxia das zoonoses e posse responsável em pais de alunos do pré-escolar de escolas situadas na comunidade localizada no bairro de Dois Irmãos na cidade do Recife (PE). **Ciência & saúde coletiva**, v. 15, p. 1457-1464,

2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-8123201000070005>. Acesso em: 8 fev. 2024.
- LIMA, N. S. *et al.* Prevalência de Doenças Crônicas Não Transmissíveis à população no assentamento da reforma agrária no Pontal do Triângulo Mineiro. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: 8977-Texto do artigo-42412-2-10-20180626.pdf. Acesso em: 27 mar. 2024.
- LOPES, L. A. *et al.* Manejo nutricional de cães e gatos domiciliados no município de Maceió, Alagoas, Brasil. **Revista de Educação Continuada Em Medicina Veterinária e Zootecnia Do CRMV-SP**, v. 17, n. 3, p. 36-40, 2019. Disponível em: 38002-Texto do artigo-87740-1-10-20191219.pdf. Acesso em: 7 fev. 2024
- LUZ, Z. P.; BARBOSA, M. N.; CARMO, R. F. Conhecimento, Atitudes e Práticas em Leishmaniose Visceral: Reflexões para uma atuação sustentável em município endêmico. **Revista de APS**, v. 20, n. 4, 2017. Disponível em: Vista do CONHECIMENTO, ATITUDES E PRÁTICAS EM LEISHMANIOSE VISCERAL: REFLEXÕES PARA UMA ATUAÇÃO SUSTENTÁVEL EM MUNICÍPIO ENDÊMICO (ufjf.br). Acesso em: 8 jul. 2023.
- MAPA - INCRA. **Relação de projetos de assentamentos criados e reconhecidos pelo Incra em formato de planilha**. Disponível em: assentamentosgeral.pdf (www.gov.br) Acesso em 6 jun. 2023.
- MATOS, M. E. S.; *et al.* **ZOONOSES E ACIDENTES COM ANIMAIS PEÇONHENTOS NO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS, MA: Aspectos socioeconômicos e ambientais**. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/46692022>. Acesso em: 8 dez. 2023.
- MENEZES, E. *et al.* CORRELAÇÕES DE PEARSON ENTRE CARACTERÍSTICAS DA CRIAÇÃO DE BEZERRAS EM ASSENTAMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA. Disponível em: seer_14503.pdf (unipampa.edu.br). Acesso em: 27 mar. 2024.
- MIRANDA, M. A contribuição do médico veterinário à saúde única-one health. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 4, n. Suppl1, p. 34-34, 2018. Disponível em: A CONTRIBUIÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO A

SAÚDE ÚNICA- ONE HEALTH | Psicologia e Saúde em debate
(dpgpsifpm.com.br). Acesso em: 8 mar. 2024.

MOURA, I. P. **Conhecimentos, Atitudes e Práticas de gestantes em relação à Toxoplasmose no município de Imperatriz-MA.** Disponível em: (Microsoft Word - DISSERTA\307\3030 FINAL - IVONE MOURA) (uepa.br) Acesso em: 8 jul. 2023.

NIETO, E. C. A. **Complexo teníase-cisticercose em assentamentos da Reforma Agrária do estado de Minas Gerais, Brasil.** 2015. 76 f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2015. Disponível em: Plataforma Sucupira (capes.gov.br) Acesso em: 19 jun. 2023.

OKELLO, A., ASH, A.; KEOKHAMPHET, C.; HOBBS, E.; KHAMLOME, B.; DORNY, P.; THOMAS, L.; ALLEN, J. **Investigating a hyper-endemic focus of Taenia solium in northern Lao PDR.** Parasites & Vectors, v.7, n.134, 2014. Disponível em: Investigating a hyper-endemic focus of Taenia solium in northern Lao PDR | Parasites & Vectors | Full Text (biomedcentral.com) Acesso em: 19 jun. 2023.

OMS. WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **The control of neglected zoonotic diseases: a route to poverty alleviation: report of a joint WHO. World Health Organization,** 2006. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241594301>. Acesso: 10 dez. 2023.

OMS. **Organização Mundial da Saúde (OMS).** Advocacy, comunicação e mobilização social para o controle da TB. Um guia para o desenvolvimento de pesquisas de conhecimento, atitude e prática [Internet]. 2008 Disponível em: 9789241596176_eng.pdf (who.int). Acesso em: 22 jun. 2023.

PASTEUR. REICHMANN, M. L. A. B.; PINTO, H. B. F.; ARANTES, M. B. **Educação e Promoção da Saúde no Programa de Controle da Raiva.** São Paulo, Instituto Pasteur, 2000. Disponível em: Microsoft Word - Capa_Tese_Doutorado_corrido_09_11_07.doc (usp.br) Acesso em: 19 jun. 2023.

- PIASTRELLI, R. A. M. et al. Perspectivas de futuro dos jovens estudantes do assentamento São José: frente ao fenômeno de envelhecimento da população rural. **Revista Alembra**, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: Vista do PERSPECTIVAS DE FUTURO DOS JOVENS ESTUDANTES DO ASSENTAMENTO SÃO JOSÉ: FRENTE AO FENÔMENO DE ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO RURAL (ifmt.edu.br). Acesso em: 23 mar. 2024.
- POLIT, D.F.; BECK, C.T. **Fundamentos da pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para as práticas da Enfermagem**. Porto Alegre: Editora ArtMed, 2018. Disponível em: Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem | Porto Alegre; Artmed; 7 ed; 2011. 669 p. | SMS-SP | CACHOEIRINHA-Acervo (bvsa.org) Acesso em: 19 jun. 2023.
- RIBEIRO, A. C. A. et al. Zoonoses e Educação em Saúde: Conhecer, Compartilhar e Multiplicar. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 12785-12801, 2020. Disponível em: (PDF) Zoonoses e Educação em Saúde: Conhecer, Compartilhar e Multiplicar / Zoonoses and Health Education: Know, Share and Multiply (researchgate.net). Acesso em: 8 fev. 2024.
- RIBEIRO, L. G. G.; MAROTTA, C. G. Judicialização de políticas públicas em prol dos animais: uma visão de saúde única. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, v. 7, n. 1, 2017.
- SÃO PAULO (estado). **Secretaria de Estado da Saúde**. Coordenadoria de Controle de Doenças. Instituto Pasteur. Nota Técnica nº 2 – IP/CCD/SES-SP de 4 set. 2020. Vacinação antirrábica canina e felina de rotina para 2020 orientações. Disponível em: notatecnica02-ipccdses-sp04_09_2020_vacinacaoantirrabicaninaefelina2020.pdf. Acesso em: 5 dez. 2023.
- SANTOS, D. M.; MATOS, M. P.; QUEROL, M. A. P. Caracterização de agricultores agroecológicos da reforma agrária: o caso do assentamento Rosa Luxemburgo II, São Cristóvão-Sergipe. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: Caracterização de agricultores agroecológicos da reforma agrária: o caso do assentamento

- Rosa Luxemburgo II, São Cristóvão - Sergipe | Cadernos de Agroecologia (aba-agroecologia.org.br). Acesso em: 26 mar. 2024
- SCHWABE, C.W. **Veterinary medicine and human health**. 3.ed. Baltimore: Williams & Wilkins, 1984. 680p. Disponível em: Veterinary medicine and human health : Schwabe, Calvin W : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive Acesso em: 19 jun. 2023.
- SILVA, F. A. N. *et al.* Posse responsável de cães no bairro Buenos Aires na cidade de Teresina (PI). **Ars Veterinaria**, v. 25, n. 1, p. 014-017, 2009. Disponível em: POSSE RESPONSÁVEL DE CÃES NO BAIRRO BUENOS AIRES NA CIDADE DE TERESINA (PI) | Ars Veterinaria. Acesso em: 8 fev. 2024.
- SILVA, E. M. Expectativa dos jovens que habitam o meio rural e condições para o desenvolvimento sustentável: um estudo de caso no município de São José do Povo-MT. **Perspectivas Sociais**, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/percsoc/article/view/2340/2192>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- SINAN. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica . Sistema de Informação de Agravos de Notificação - **Sinan**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2023.
- SOUZA, P.C. **Universidades sustentáveis: o desempenho da população acadêmica em relação à sustentabilidade**. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal de Goiás. 2023.
- SPANVELLO, R. M. *et al.* A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v.45, n.2, p.291-304, 2011. Disponível em: A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar (semanticscholar.org). Acesso em: 27 mar. de 2024.
- TEIXEIRA, E. M. G. F.; LOPEZ, R. E. S. **(Cajanus cajan (L.) Millsp.) Fabaceae: uma revisão dos principais constituintes químicos e atividades farmacológicas**. 2022. Disponível em: erika_maria_gomes_et_all.pdf (fiocruz.br). Acesso em: 16 nov. 2023.
- TOLEDO, R. F. **Educação, saúde e meio ambiente: uma pesquisa-ação do distrito de Iauaretê do município de São Gabriel da Cachoeira/AM**.

2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: Educação, saúde e meio ambiente: uma pesquisa-ação do distrito de lauretê do município. Disponível em: Educação, saúde e meio ambiente: uma pesquisa-ação do distrito de lauretê do município... (usp.br) Acesso em: 10 de set. de 2022.

TRALDI JÚNIOR, J. S. **Capacitação em boas práticas de manipulação de alimentos como ferramenta para a educação sanitária: revisão sistemática**. 2021. Disponível em: Dissertação pós defesa - versão final para o repositório.pdf (ufscar.br) Acesso em: 19 jun. 2023.

VAN BRUSSEL, K.; HOLMES, E. C. Zoonotic disease and virome diversity in bats. **Current Opinion in Virology**, v. 52, n. January, p. 192–202, fev. 2022. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1879625721001668>>. Acesso em: 7 fev. 2024.

VASCONCELLOS, S. A. 2013. **Zoonoses: Conceito**; CEVISA Online. Disponível em: http://www.praia grande.sp.gov.br/arquivos/cursos_sesap2/Zoonoses%20Conceito.pdf. Acesso em: 7 fev. 2024.

VARGAS, R. S.; OLIVEIRA, J. R.; FRANCO, F. S. A DISSOCIAÇÃO DO SER HUMANO COM A NATUREZA E O ADVENTO DA PANDEMIA DA COVID-19: A PRÁTICA DA AGRICULTURA BIODINÂMICA NA CONTRAMÃO DO AUMENTO DE ZOOSESES. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 15, n. 4, p. 14-14, 2020.

VICTORIO, V. C. M.; GONÇALVES, E. C. B. A.. Aspectos de saúde relacionados à idade, escolaridade e produções agrícolas de agricultores no Assentamento Rural Rio Madeira-RO. **Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**, v. 14, n. 2, p. 183-202, 2021. Disponível em: *7279-33316-1-PB.pdf. Acesso em: 27 mar. de 2024.

WANG, L. F.; ANDERSON, D. E. Viruses in bats and potential spillover to animals and humans. **Current Opinion in Virology**, v. 34, n. January, p. 79–89, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.coviro.2018.12.007>>. Acesso em: 8 fev. 2024.

WOOLHOUSE, M. E. J. Where do emerging pathogens come from?.
MICROBE-AMERICAN SOCIETY FOR MICROBIOLOGY, v. 1, n. 11, p.
511, 2006.

WOIWODE, F. C. J. **Avaliação da adequação de conhecimentos, atitudes e práticas (CAP) de visitantes e trabalhadores do Parque Monte Selvagem, no que concerne a medidas de biossegurança, face aos fatores de risco detectados**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora. Disponível em: Repositório Digital de Publicações Científicas: Avaliação da adequação de conhecimentos, atitudes e práticas (CAP) de visitantes e trabalhadores do Parque Monte Selvagem, no que concerne a medidas de biossegurança, face aos fatores de risco detectados (uevora.pt). Acesso em: 8 fev. 2024.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO

CAP: CONHECIMENTO, ATITUDE E PRÁTICA.

Pesquisadora Responsável: Giovana Regina Godoy da Silva
(16)99716-4048 – grgodoy@uniara.edu.br

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Rios

Roteiro de entrevista: PERCEPÇÃO SOBRE ZOONOSES EM UMA
COMUNIDADE RURAL: UM ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO DE
REFORMA AGRÁRIA BELA VISTA DO CHIBARRO

DADOS RELATIVOS AO RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO DO
INQUÉRITO (para posterior contato em caso de dúvidas sobre os dados
apresentados)

Prezado(a) respondente, obrigada por participar da pesquisa de mestrado, a sua opinião é extremamente importante. A seguir, são apresentadas algumas questões a respeito da atividade em que você participa ou participou como voluntário. O tempo de preenchimento é de aproximadamente 30 a 60 min. É desejável não deixar itens sem resposta, porém você poderá deixar de responder qualquer pergunta que não queira responder. Ressalto ainda que você poderá interromper ou parar de responder a entrevista a qualquer momento, sem prejuízo ou ônus para você. As informações desta pesquisa são confidenciais, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato do respondente. Se você tiver dúvidas ou problemas para responder a entrevista, pode perguntar ou deixar de responder.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I - IDENTIFICAÇÃO E DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

No do questionário

--	--	--

1. Qual é a sua idade? _____
() Não quero responder

2. Qual o gênero você se atribui? ()Feminino, ()Masculino, ()Outros
() Não quero responder

3. Qual a sua escolaridade?

- () Não sabe ler nem escrever
- () Ensino fundamental incompleto
- () Ensino fundamental completo
- () Ensino médio incompleto
- () Ensino médio completo
- () Ensino superior incompleto
- () Ensino superior completo
- () Não quero responder

4. Há quanto tempo você vive no assentamento?

- () Desde o início do assentamento
- () Mais de 30 anos
- () Entre 20 e 30 anos
- () Entre 10 e 20 anos
- () Menos de 10 anos
- () Não quero responder

II- QUESTÕES RELACIONADAS AO CONHECIMENTO

5. Quais animais você tem no seu lote?

- () Não tenho animal no meu lote
- () Cachorro (Caninos)
- () Gato (Felinos)
- () Galinha (Aves)
- () Porco (Suínos)
- () Vaca (Bovinos)
- () Cavalo (Equinos)
- () Cabra (Caprinos/Ovinos)
- () Outros animais. Quais: _____
- () Não quero responder

6. Alguém da família já teve alguma dessas doenças?

- () Dengue, chikungunya, zika, febre amarela
- () Leishmaniose

- Toxoplasmose
- Sarna Sarcóptica
- Bicho de pé (*Tunga Penetrans*)
- Bicho geográfico (*Larva Migrans Cutânea*)
- Raiva
- Febre maculosa
- Outras. Quais: _____
- Não quero responder

7. Eu já tive doenças transmitidas por animais.

- Sim
- Não
- Não quero responder

8. Já presenciei casos de doenças transmitidas por animais em outros moradores do assentamento.

- Sim
- Não
- Não quero responder

9. Quais foram as doenças que você sabe que ocorreram no assentamento que foram transmitidas por animais.

- Dengue, chikungunya, zika, febre amarela
- Leishmaniose
- Toxoplasmose
- Sarna Sarcóptica
- Bicho de pé (*Tunga Penetrans*)
- Bicho geográfico (*Larva Migrans Cutânea*)
- Raiva
- Febre maculosa
- Outras. Quais: _____
- Não quero responder

10. Você sabe como a pessoa pegou essa doença?

Não quero responder

11. Acredito que existem riscos significativos de zoonoses em assentamentos.

Sim

Não

Não quero responder

12. Eu já tive orientações sobre zoonoses e prevenção no assentamento.

Sim

Não

Não quero responder

13. Eu tenho conhecimento sobre as medidas de prevenção de zoonoses.

Sim

Não

Não quero responder

III- QUESTÕES RELACIONADAS A ATITUDE

14. Quando percebo que um animal está doente eu trato sem consultar um veterinário.

Sim

Não

Não quero responder

15. Já participei de programas de vacinação de animais no assentamento.

- Sim
- Não
- Não quero responder

16. Recebo assistência veterinária periodicamente no assentamento.

- Sim
- Não
- Não quero responder

17. Já necessitei chamar assistência de veterinário por conta própria.

- Sim
- Não
- Não quero responder

IV- QUESTÕES RELACIONADAS À PRÁTICA

18. Eu vacino os meus animais a cada 6 meses.

- Sim
- Não
- Não quero responder

19. Eu vacino meus animais uma vez por ano.

- Sim
- Não
- Não quero responder

20. Eu nunca vacinei meus animais.

- Sim
- Não
- Não quero responder

21. Eu dou vermífugo para os animais a cada 6 meses.

- Sim

- Não
- Não quero responder

22. Lavo as mãos antes de preparar os alimentos.

- Sim
- Não
- Não quero responder

23. Lavo as mãos antes de comer os alimentos.

- Sim
- Não
- Não quero responder

24. Eu tomo vermífugo todo ano.

- Sim
- Não
- Não quero responder

25. Eu compro ração para alimentar os animais.

- Sim
- Não
- Não quero responder

26. Eu alimento os animais com o que produzo no lote.

- Sim
- Não
- Não quero responder

27. Eu alimento os animais com restos de comida.

- Sim
- Não
- Não quero responder

28. Eu trato os animais contra carrapato e pulga com plantas.

- Sim
- Não
- Não quero responder

29. Eu trato os animais contra carrapato e pulga comprando remédio na agropecuária.

- Sim
- Não
- Não quero responder

30. Eu recolho as fezes de animais e enterro.

- Sim
- Não
- Não quero responder

31. Eu uso fezes de animais como adubo.

- Sim
- Não
- Não quero responder

32. Eu jogo as fezes dos animais no lixo.

- Sim
- Não
- Não quero responder

33. Eu tenho poço caipira no lote.

- Sim
- Não
- Não quero responder

34. Eu tenho poço semi-artesiano no lote.

- Sim

- Não
- Não quero responder

35. Eu tenho poço artesiano no lote.

- Sim
- Não
- Não quero responder

36. Eu tenho fossa para o banheiro no lote.

- Sim
- Não
- Não quero responder

37. Eu tenho fossa séptica para banheiro no lote.

- Sim
- Não
- Não quero responder

38. Eu uso água do córrego ou do poço na casa do lote.

- Sim
- Não
- Não quero responder

39. O poço fica perto da casa.

- Sim
- Não
- Não quero responder

40. A fossa ou fossa séptica fica perto da casa.

- Sim
- Não
- Não quero responder

41. O poço fica coberto.

Sim

Não

Não quero responder

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de pesquisa: PERCEPÇÃO SOBRE ZOONOSES EM UMA COMUNIDADE RURAL: UM ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA BELA VISTA DO CHIBARRO.

Pesquisadora Responsável: Giovana Regina Godoy da Silva.

Nome do participante:

Data de nascimento:

Você está sendo convidado (a) para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado “Conhecimento, Atitude e Prática de Zoonoses em Assentado de Reforma Agrária” de responsabilidade da pesquisadora Giovana Regina Godoy da Silva.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra do pesquisador responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. Objetivo geral: Avaliar os conhecimentos, atitudes e práticas sobre ocorrência e prevenção das zoonoses, na população do assentamento Bela Vista do Chibarro, Araraquara/SP.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS 1- Verificar o conhecimento da população do assentamento Bela Vista do Chibarro sobre zoonoses; 2- Verificar as atitudes da população do assentamento Bela Vista do Chibarro sobre prevenção das zoonoses; 3- Verificar as práticas de prevenção da população do assentamento Bela Vista do Chibarro sobre zoonoses.

Como critério de exclusão ao limitar a faixa etária dos participantes a maiores de 18 anos e excluir aqueles que não residem no assentamento, buscamos obter uma compreensão específica das percepções e práticas dos assentados em relação às zoonoses. Essa abordagem nos permitirá elaborar recomendações mais direcionadas e relevantes para a população estudada.

Adicionalmente, o estudo também tem como propósito analisar as condições de vida dos assentados e investigar se as ações realizadas por eles contribuem para uma melhoria ou para a propagação das zoonoses. Serão examinados os impactos das atividades e práticas adotadas pelos assentados, a fim de

identificar se estão alinhadas com medidas de prevenção e controle das zoonoses ou se podem favorecer sua disseminação.

No assentamento atualmente existem 199 famílias assentadas, ocupando uma área de 3441,9638 hectares, com capacidade para abrigar 210 famílias. Com base nesses dados, a pesquisa será realizada com 10% dos lotes, o que corresponde a entrevistar de 20 a 30 lotes. Será selecionado um membro de cada lote/família para participar da entrevista.

Assim, será possível obter um panorama abrangente do conhecimento da população local, bem como entender as interações entre as práticas adotadas pelos assentados e a ocorrência das zoonoses na região. Os resultados obtidos auxiliarão no desenvolvimento de estratégias educativas e preventivas mais eficazes, visando promover uma conscientização adequada e contribuir para a redução do risco de transmissão das zoonoses no assentamento Bela Vista do Chibarro.

2. A participação nesta pesquisa consistirá no preenchimento de uma entrevista composta por 41 questões, das quais 40 são fechadas, apresentando alternativas para escolha, e 1 abertas, permitindo uma resposta livre. O tempo estimado para o preenchimento das questões varia entre 30 a 60 minutos, porém não há um limite de tempo determinado.

Para que o entrevistado possa participar desta pesquisa, será solicitado o seu consentimento e, em seguida, o mesmo receberá a entrevista contendo as questões.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi desenvolvida de forma a ser acessível e compreensível ao público-alvo, buscando facilitar a sua participação.

A coleta de dados será realizada por meio de encontros presenciais, nos quais o convidado responderá às questões da entrevista. O número de encontros necessários será definido de acordo com a disponibilidade e conveniência dos participantes. Durante os encontros, serão fornecidas todas as informações relevantes sobre o estudo, assim como eventuais esclarecimentos necessários. A pesquisa será conduzida no Assentamento Bela Vista do Chibarro, onde oferece as condições necessárias para a coleta de dados, prezando pelo conforto e privacidade do entrevistado. A entrevista será realizada pela pesquisadora responsável Giovana Regina Godoy da Silva, que realizará a coleta de dados. É importante ressaltar que a participação é voluntária, e todas as informações coletadas serão tratadas de forma anônima e confidencial. Caso tenha alguma dúvida ou necessite de mais informações antes de participar, estarei à disposição para esclarecê-las. O envolvimento nessa pesquisa é fundamental para a obtenção de resultados significativos e contribuirá para o avanço do conhecimento sobre as zoonoses na região do assentamento Bela Vista do Chibarro.

3. Durante a realização desta pesquisa, é importante mencionar que existe a possibilidade de alguns desconfortos ou constrangimentos ocorrerem. No entanto, todas as medidas foram tomadas para minimizar esses efeitos, e as questões foram elaboradas de forma a não expor os participantes de maneira indesejada. Caso, em algum momento, o entrevistado se sinta constrangido ou desconfortável ao responder uma questão específica ou mesmo ao preencher o formulário completo, é completamente compreensível.

Nesse caso, o entrevistado tem total autonomia para optar por não responder àquela questão em particular ou até mesmo interromper o preenchimento do formulário, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. A participação nesta pesquisa é voluntária, e o seu bem-estar e conforto são prioridades. Prezando sempre que o entrevistado sinta-se à vontade para tomar decisões que melhor atendam às suas necessidades e limites durante o processo. Garantindo que se sinta respeitado e confortável em todas as etapas da pesquisa.

4. Ao participar desta pesquisa, o entrevistado terá a oportunidade de contribuir para o aprofundamento do entendimento dos assentados sobre as zoonoses.

Há diversos benefícios diretos e indiretos associados à sua participação nesta pesquisa. Os benefícios diretos incluem a ampliação do seu próprio conhecimento sobre zoonoses, suas formas de prevenção e cuidados. Isso permitirá que o entrevistado adote medidas mais eficazes para proteger a sua saúde e a saúde da sua família.

Através do preenchimento das entrevistas, terá a oportunidade de refletir sobre suas atitudes e práticas relacionadas às zoonoses, o que pode levar a mudanças positivas em seu comportamento. A sua participação nesta pesquisa terá benefícios indiretos para a comunidade e outras pessoas.

Os resultados obtidos serão utilizados para desenvolver estratégias educativas e preventivas mais eficazes, visando melhorar as condições de saúde e bem-estar dos assentados. Isso contribuirá para a redução do impacto das zoonoses na região, beneficiando não apenas os participantes da pesquisa, mas toda a comunidade do assentamento Bela Vista do Chibarro.

Os dados coletados nesta pesquisa também poderão ser utilizados para embasar ações e políticas de saúde pública voltadas para o controle e prevenção de zoonoses em outras regiões, ampliando o impacto positivo dessa pesquisa para além do assentamento. Portanto, ao participar desta pesquisa, o entrevistado estará desempenhando um papel importante no avanço do conhecimento científico e na promoção da saúde pública. O envolvimento contribuirá para uma melhor compreensão das zoonoses e para a implementação de medidas preventivas mais efetivas, beneficiando tanto o entrevistado quanto a comunidade em geral.

5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.

7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

8. O nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

10. Riscos e benefícios envolvidos na execução da pesquisa: Os riscos envolvidos na execução da pesquisa podem incluir: Risco de confidencialidade: Há a possibilidade de que as informações fornecidas pelos participantes durante as entrevistas possam ser divulgadas sem sua autorização, comprometendo sua privacidade. Para minimizar esse risco, todas as informações coletadas serão tratadas com estrito sigilo e confidencialidade. Os dados serão armazenados de forma segura e acessados apenas pelos membros da equipe de pesquisa responsáveis pelo estudo. Risco emocional: Durante as entrevistas, os participantes podem se sentir desconfortáveis ou emocionalmente afetados ao relembrar ou discutir questões relacionadas às zoonoses. Para minimizar esse risco, os entrevistadores serão treinados para abordar as questões de forma sensível e empática. Além disso, os participantes terão o direito de interromper ou recusar a responder a qualquer pergunta que os deixe desconfortáveis. Risco de informações imprecisas: Existe a possibilidade de que os participantes forneçam informações imprecisas ou incompletas durante as entrevistas, o que pode afetar a qualidade dos dados coletados. Para minimizar esse risco, os entrevistadores fornecerão instruções claras sobre as perguntas e garantirão um ambiente tranquilo e acolhedor para a entrevista. Para assegurar os necessários cuidados no caso de danos aos indivíduos, serão tomadas as seguintes medidas: Consentimento informado: Antes de participar da pesquisa, os participantes serão devidamente informados sobre os objetivos, procedimentos,

riscos e benefícios da pesquisa. Será solicitado que leiam e assinem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, indicando seu entendimento e voluntariedade para participar. Proteção da privacidade e confidencialidade: Todas as informações coletadas serão tratadas com estrito sigilo e confidencialidade. Os dados serão armazenados de forma segura e acessados apenas pela equipe de pesquisa autorizada. Os possíveis benefícios diretos ou indiretos para a população estudada e a sociedade incluem: Contribuição para o conhecimento: A pesquisa visa preencher uma lacuna na área de estudo, fornecendo informações importantes sobre o conhecimento e comportamento relacionados às zoonoses no assentamento Bela Vista do Chibarro. Isso pode levar a uma melhor compreensão e conscientização sobre as zoonoses e suas medidas de prevenção e controle. Melhoria das políticas e práticas de saúde: Os resultados da pesquisa podem ser utilizados para informar políticas públicas, programas de saúde e práticas de prevenção e controle de zoonoses. Isso pode contribuir para a melhoria da saúde da população estudada e da sociedade em geral. Empoderamento dos participantes: Ao participar da pesquisa, os entrevistados têm a oportunidade de compartilhar suas experiências, opiniões e conhecimentos sobre as zoonoses. Isso pode ajudar a fortalecer seu senso de participação e empoderamento, permitindo que sejam ouvidos e considerados na tomada de decisões relacionadas à saúde. Em resumo, os riscos serão minimizados por meio do consentimento informado, proteção da privacidade e confidencialidade dos participantes. Os benefícios incluem contribuição para o conhecimento, melhoria das políticas e práticas de saúde, e o empoderamento dos participantes.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Giovana Regina Godoy da Silva, pesquisada responsável pela pesquisa, telefone: (16) 99716-4048, e-mail: grgodoy@uniara.edu.br, com o Comitê de Ética em Pesquisa da Uniara, localizado na Rua Voluntários da Pátria nº 1309 - bloco C, no Centro da cidade de Araraquara-SP, telefone: (16) 3301.7263, e-mail: comitedeetica@uniara.com.br, atendimento de segunda a sexta-feira das 08h00min. – 13h00min. - 14h00min – 17h00min, e/ou com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP, telefone (61) 3315.5877, e-mail: conep@saude.gov.br.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

Araraquara, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento